

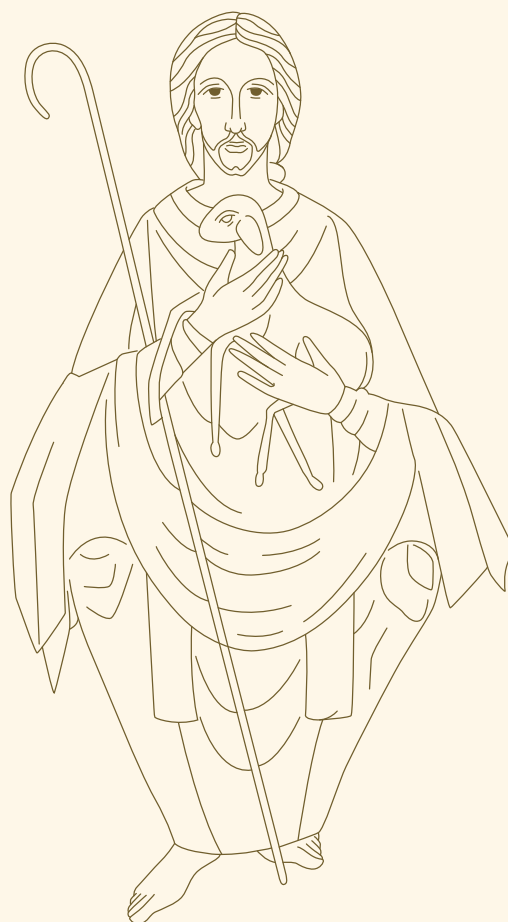
Revista de

PASTORAL

da ANEC



VALORIZAÇÃO DA VIDA: ESPIRITUALIDADE E INTELIGÊNCIA RELACIONAL NA ESCOLA CATÓLICA



VALORIZAÇÃO DA VIDA

“Eu sou o Bom Pastor.
O Bom Pastor dá a vida pelas ovelhas.”

Jo 1, 11

SUMÁRIO

EDITORIAL	5
ARTIGO	8
Eu e Tu: a relação criança e natureza Autor: Humberto Silvano Herrera Contreras	
ARTIGO	23
Pastoral Educativa: Uma experiência de afeto no chão sagrado da escola Autor: José Sotero dos Santos Neto	
ARTIGO	33
Projeto “Curtas”: Valorização da Vida Autoras: Aline Nervo Vanner, Aline de Carvalho Fantoni e Edilaine Vieira Lopes	
ARTIGO	47
Linguagem, valorização da vida e espiritualidade Autoras: Melina Wasem e Edilaine Vieira Lopes	
ARTIGO	61
O reencontro com o núcleo de nossa vida a partir do Profeta Elias - 1 Reis 17-21 Autor: Nilson Izaías Pegorini	
ARTIGO	70
Cibercultura: existe vida no Espaço virtual? A Escola Católica na Era da Hiperconexão Autor: Denis Dutra Marques	
ESTANTE	82
A cruel pedagogia do vírus Autor: Boaventura de Sousa Santos	
ESTANTE	83
Viver Conviver Evoluir Autor: Gabriel Perissé	



EXPEDIENTE

CONSELHO SUPERIOR

Ir. Irani Rupolo – Presidente
Pe. Mário Sündermann – Vice-Presidente
Ir. Cláudia Chesini – Secretária

CONSELHEIROS

Frei Gilberto Gonçalves Garcia
Ir. Iranilson Correia de Lima
Ir. Ivanise Soares da Silva
Pe. João Batista Gomes de Lima
Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães
Pe. Josafá Carlos de Siqueira
Ir. Márcia Edvirges Pereira dos Santos

DIRETORIA NACIONAL

Ir. Paulo Fossatti – Diretor Presidente
Ir. Adair Aparecida Sberga – Diretora 1º Vice-Presidente
Ir. Natalino Guilherme de Sousa – 2º Vice-Presidente
Ir. Marli Araújo da Silva – Diretora 1º Secretária
Prof. Dr. Pe. Maurício da Silva Ferreira – Diretor 2º Secret.
Pe. Roberto Duarte Rosalino – Diretor 1º Tesoureiro
Frei Claudino Gilz – Diretor 2º Tesoureiro

EQUIPE EDITORIAL

Frei Claudino Gilz – Diretor/Setor Pastoral
Ir. Cláudia Chesini – Editora-Chefe
Prof. James Pinheiro dos Santos – Editor

CONSELHO EDITORIAL

Frei Claudino Gilz
Irmã Cláudia Chesini
Antonio Boeing
Edilaine Vieira Lopes
Humberto Herrera
Pe. Marcus Mareano
Rodinei Balbinot
Fabrizio Catenazzi
Irmã Valéria Leal Andrade
Sérgio Junqueira
Pe. Denis Dutra Marques
Jean Michel Alves Damasceno
Matheus Cedric
Gregory Rial
Thiago Alves Torres

PRODUÇÃO GRÁFICA E EDITORIAL

Comunicação ANEC / Verlindo Comunicação

REVISÃO TEXTUAL

ANEC

EDITORIAL



Cultivar a espiritualidade e a inteligência relacional no espaço educacional.

Irmã Cláudia Chesini e Frei Claudino Gilz

A Revista de Pastoral ANEC nº. 7 desse primeiro semestre de 2020 contempla o tema *Valorização da Vida: Espiritualidade e Inteligência Relacional na Escola Católica*. À proposição do referido tema, um caminho foi palmilhado: ocorreram várias reflexões feitas pelo Grupo Editorial de Trabalho da revista com o objetivo de olhar com carinho o ‘tecido’ que compõe de modo dinâmico e integrador a realidade das nossas instituições de ensino católicas. Percebe-se que, dentre os diversos ‘fios’ desse tecido, a inspiração e a profecia que emanam de Jesus Cristo, o Bom Pastor são os fundamentos por excelência para se fomentar o cultivo da espiritualidade e da inteligência relacional no espaço educacional. Espiritualidade e inteligência relacional compreendidas essencialmente como linhas que atentam para o valor inalienável da vida no conjunto de suas manifestações.

A dimensão do Sagrado, constitutiva à condição humana, apresenta-se como caminho de discernimento do sentido da existência humana. A educação católica identifica no Evangelho de Jesus Cristo um modo peculiar de acolher e mediar, junto a cada aluno, o cultivo de virtudes de amor e cuidado à vida. Virtudes que mobilizam a todos do espaço educacional a conviver fraternalmente entre si, a propagar e a ampliar o ideário de um humanismo solidário, especialmente os mais desvalidos e necessitados.

Quanto à espiritualidade é a expressão mais genuína de alguém que diariamente se dispõe a viver à luz do Espírito de Deus e, por isso, irradia o que é próprio só de Deus: alegria, amorosidade, misericórdia, solidariedade, cortesia, gentileza, empatia, bondade, força interior e coerência entre o que diz e vive. O religioso reconhece a manifestação do Sagrado em meio ao cotidiano da vida, o que lhe auxilia a transcender do visível para ‘as coisas do alto’, como diz o apóstolo Paulo. Por assim viver, amplia e aprofunda a espiritualidade como um processo de crescimento pessoal e comunitário.

Já a inteligência relacional é, antes de tudo, uma habilidade a ser cultivada e ampliada por toda pessoa de boa vontade. Isso porque, tudo o que se estuda e se aprende devem concorrer para uma convivência cada vez mais repleta dos mesmos sentimentos de Cristo Jesus. Infelizmente ainda se percebe um determinado descompasso entre o que se sabe de Deus e o que se vive. Educar para uma inteligência relacional segundo os ensinamentos evangélicos é uma missão constante confiada às instituições de ensino católicas.

Eu e Tu: relação criança e natureza, escrito por Humberto Herrera é a primeira reflexão desta edição. Na celebração dos 5 anos da Encíclica *‘Laudato Si’*, “o estudo indaga sobre a relação criança e natureza. Sintetiza a mensagem ecológica da Igreja Católica e apresenta reflexões pedagógicas preocupada com a interação da criança com a natureza. No contexto dessa preocupação aponta fatores-chaves da interação “criança natureza” e aponta as suas implicações no desenvolvimento da criança.

O artigo de José Sotero, *Pastoral Educativa: uma experiência de afeto no chão do sagrado da escola* apresenta uma reflexão referente ao ambiente escolar como possibilidade de abertura da consciência e conhecimento de si, além da percepção e responsabilidades para com as maravilhas do mundo. Aborda o afeto como dinamizador da educação evangelizadora.

Projeto Curtas: Valorização da Vida, de Aline Nervo Vanner, Aline de Carvalho Fantoni e Edilaine Vieira Lopes sobre a roteirização, a gravação, a edição e a apresentação pública de “Curtas”, projeto desenvolvido pela ANEC RS e Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do RS, com vídeos pequenos, sobre as formas de solucionar problemas dentro e fora do ambiente escolar. Motivados pelas discussões iniciadas a partir do tema da Campanha da Fraternidade/2019, é descrito todo o processo de participação, elaboração, execução e apresentação.

Linguagem, valorização da vida e da espiritualidade, escrito por Edilaine Vieira Lopes e Melina Wasem apresenta a importância da leitura e da linguagem a partir das manifestações chilenas. Essa abordagem favorece a humanização da escola bem como da família.

Pe. Denis Dutra escreve: *Cibercultura: existe vida no espaço virtual?* Ele faz uma reflexão sobre nossa inserção na cultura midiática, com suas vantagens e possibilidades, afirmando que "mais que usuários passamos a ser produtores de uma nova realidade, simbólica entre aquilo que já existia e aquilo que passa a existir". As experiências em tempo de coronavírus traduzem essa reflexão.

Por fim, para fundamentar biblicamente esse processo, *O reencontro com o núcleo de nossa vida a partir do profeta Elias - I Reis, 17-21*, de Nilson Izaias Pegorini. Em tempo de crises, especialmente esta pandemia, o profeta Elias nos ensina que se faz necessário perceber sempre de novo, através do simples, do cotidiano, a presença de Deus, sentido da Vida.

Desejamos boa leitura, reflexão e dinamicidade na Pastoral!

ARTIGO

EU E TU: A RELAÇÃO CRIANÇA E NATUREZA

Humberto Silvano Herrera Contreras

RESUMO

O estudo indaga a relação entre a criança e a natureza. Sintetiza a mensagem ecológica da Igreja Católica e apresenta reflexões pedagógicas preocupadas com a interação da criança com a natureza. No contexto dessa preocupação, aponta fatores-chave da relação “criança-natureza” e aponta as suas implicações no desenvolvimento da criança. Nessa intenção de apoiar as crianças na prática de virtudes ecológicas, apresentam-se recomendações e possibilidades de mediação e cooperação com a ecologia integral e com a garantia do direito à interação da criança com a natureza.

PALAVRAS-CHAVE: Criança. Natureza. Ecologia.

HUMBERTO SILVANO HERRERA CONTRERAS

Filósofo e pedagogo. Mestre e doutorando em Educação. Atua como voluntário na Associação Brasileira de Amparo à Infância e no Centro de Educação Infantil Giacomino na Natureza, da Congregação das Irmãs Servas dos Pobres. Professor universitário na Faculdade Padre João Bagozzi. Membro do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Pedagogia, Pedagogia Social e Educação Social da UEPG. Assessor da área de Ensino Religioso e Pastoral Escolar da SM Educação.

CONTATO: htoherrera@gmail.com

INTRODUÇÃO

*A voz do Gênesis é também para elas*¹

O título *Eu e Tu: a relação criança e natureza* está inspirado na profundidade da tese dialógica de Martin Buber.²

A intenção que nos anima é motivar as crianças para o cuidado, para que sejam “curadoras dos outros”, de seus irmãos e irmãs, pessoas, animais, plantas, enfim, de toda a família que mora na Casa Comum. Com base nessa intenção, indaga-se: Como motivá-las? Como apoiá-las na prática de virtudes ecológicas? Como ensinar-lhes a compreensão do saber que vivem em uma “Casa Comum”?

Na tentativa de refletir essas perguntas, apresentamos, no primeiro tópico, uma síntese daquilo que chamamos de “voz ecológica da Igreja”, que reúne os ensinamentos publicados pela Igreja sobre a relação do ser humano com a natureza, tendo como principal referência a Encíclica *Laudato Si’* (LS). No segundo, apresentam-se algumas reflexões e experiências pedagógicas que sistematizaram

práticas educativas do encontro da criança com a natureza. Finalmente, o terceiro tópico registra algumas possibilidades práticas e recursos de apoio na mediação desses encontros entre a criança e a natureza.

1. A VOZ ECOLÓGICA DA IGREJA

*“Observem as aves do céu,
que não semeiam, nem colhem,
nem ajuntam em celeiros [...].
Aprendam com os lírios do campo...”
(Mateus 6, 26a. 28b).*

A educação católica inspira-se no Bom Pastor que “cuida”. São Francisco e o Papa Francisco recordam o Evangelho: cuidar de tudo o que existe (FRANCISCO, 2015, n. 11). Somos responsáveis por motivar nas crianças um “estilo de vida”: “assumir o dever de cuidar da criação com pequenas ações diárias” (FRANCISCO, 2015, n. 11). Esse estilo de vida, quando interiorizado na mente, no coração e nas mãos, atua como referência de atitudes fraternas que tornam a ecologia integral uma realidade possível e concreta (leia-se, justiça socioambiental).

1 Esta frase está inscrita na linha pastoral do Cuidar, nas Linhas de Ação Pastoral da ANEC: “Passagens da Sagrada Escritura que revelam Deus não só como Criador de todos os seres, mas também como Quem está a cuidar com o máximo de carinho e preocupação de toda a criação” (CHESINI, C. (org). Linhas de Ação Pastoral da ANEC. Brasília, 2019. P. 17).

2 O filósofo judeu Martin Buber (1878-1965) destacou-se por suas ideias sobre o diálogo e a relação entre as pessoas, assunto que expõe no livro *Eu e Tu*, publicado em 1923. Nessa obra, ele escreveu: “Torno-me Eu a relação com o Tu”. Sua filosofia é considerada um patrimônio da humanidade, pois valoriza a importância das relações entre o ser humano, Deus e a história.

A escola faz parte da “aldeia” necessária para educar uma criança³. No entanto, também a criança constrói a aldeia que também a educa. A aldeia é corresponsabilidade, e faz parte do ensinar, aprender as habilidades de responder. A família também participa na “tarefa artesanal” de educar os filhos (FRANCISCO, 2016, n. 16 e 221) e precisa ser apoiada e complementada pela escola (FRANCISCO, 2016, n. 84). Escola e família, quando interligadas na sintonia da “aldeia”, fortalecem o Pacto Educativo por uma “educação ecológica”⁴. Esse Pacto integra a ideia do “sonho ecológico” (FRANCISCO, 2020, n. 58-60) de uma educação e hábitos ecológicos menos vorazes, mais serenos, mais respeitadores, menos ansiosos e mais fraternos.

Oportunizar às crianças a descoberta de que o “planeta é um dom de Deus”, que “Deus nos deu a terra como um dom e como tarefa, para cuidá-la e responder por ela” e que “nós não somos seus donos” (SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 65). Para isso, “precisamos de uma conversão ecológica para responder adequadamente” (SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 65) e essa conversão que a sociedade, a escola e a família precisam viver, passa necessariamente, e no caso da escola, principalmente, em que os educadores sejam “capazes de reordenar os itinerários pedagógicos

duma ética ecológica” (FRANCISCO, 2015, n. 210) que apoiem as crianças na maturação de virtudes ecológicas.

O capítulo VI, Educação e espiritualidade ecológicas, da Encíclica *Laudato Si'* afirma que “precisamos mudar” três aspectos basilares na nossa consciência: 1. A falta duma origem comum; 2. A falta duma recíproca pertença; e 3. A falta dum futuro partilhado por todos (FRANCISCO, 2015, n. 202). Que a criança aprenda que todos somos irmãos e irmãs, que vivemos na mesma Casa e que precisamos cuidá-la para sermos felizes. Esse ensinamento, desde a primeira infância, é uma semente de cidadania ecológica (FRANCISCO, 2015, n. 211). A seguir, alguns ensinamentos que podem ser registrados a partir da encíclica:

- Reconhecer e mostrar às crianças as feridas que temos causado no planeta (SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 65), como um rio poluído, a falta de áreas verdes nas cidades, a extinção de animais. Incentivá-las a serem guardiãs da Casa Comum!
- Partilhar o desejo de querer aprender com nossos irmãos e irmãs dos povos originários, oportunizando o diálogo de saberes e motivando-os a seguirem os seus bons exemplos. As crianças

3 Cf. CNBB; ANEC; CRB. A Igreja no Brasil, com o Papa Francisco, no Pacto Educativo Global. Orientações gerais. 2020. P. 11.

4 Idem. P. 21.

podem reconhecer e admirar esses saberes que são patrimônio de todos (SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 65), como a filosofia do buen vivir dos povos da Amazônia (FRANCISCO, 2015, n. 183; SÍNODO DOS BISPOS, 2019, n. 73) e da América Latina.

- Mostrar que podemos ser felizes sem necessariamente consumirmos mais do que precisamos (FRANCISCO, 2015, n. 203 e 206). Que não precisamos somente comprar nossos brinquedos, que também podemos produzi-los a partir de inúmeros materiais reaproveitáveis.⁵ A criatividade é um dom de Deus que está à nossa disposição!
- Motivar as crianças para assumirem o dever de cuidar da criação com pequenas ações diárias: evitar o uso de papel e utilizar o verso de papéis, papelões usados e/ou na própria terra, reduzir o consumo de água, diferenciar o lixo, evitar desperdícios de alimentos, tratar com desvelo os outros seres vivos (não maltratando ou matando pequenos insetos e/ou arrancando flores sem necessidade, por exemplo), motivar aos pais a usar os transportes públicos ou partilhar o mesmo veículo com várias pessoas quando possível, plantar árvores, apagar as luzes desnecessárias (FRANCISCO, 2015, n. 211).
- Ajudá-las a perceber a alegria que sentimos quando partilhamos e quando partilham conosco. Convidá-las para experiências de estudar juntas, brincar juntas, comer juntas, rezar juntas... (FRANCISCO, 2015, n. 204 e 208). E, para agradecerem antes e depois das refeições, o alimento partilhado, as mãos que os prepararam e reforçarem o nosso compromisso com os mais necessitados (FRANCISCO, 2015, n. 207).
- Oportunizar que elas se sintam livres, que sintam a “verdadeira liberdade” (FRANCISCO, 2015, n. 205) que Deus lhes deu como um presente para elas cuidarem e serem felizes. Essa liberdade é um direito das crianças e não pode ser negado a nenhuma delas, e nem limitado por interesses econômicos que desejam impor um modelo de produção da infância. Toda criança tem direito à natureza.

A abertura ao bem comum é uma experiência de aprendizagem permanente, que se cultiva no dia a dia por meio de ações, exemplos e testemunhos, que quando tornados hábitos, configuram-se como virtudes para uma cidadania ecológica. A educação ambiental, na perspectiva da ecologia integral, deveria ajudar a “recuperar os distintos níveis de equilíbrio ecológico: o interior consigo mesmo, o solidário com os ou-

5 “Voltar – com base em motivações profundas – a utilizar algo em vez de o desperdiçar rapidamente pode ser um ato de amor que exprime a nossa dignidade” (LS, n. 211).

tros, o natural com todos os seres vivos, o espiritual com Deus” (FRANCISCO, 2015, n. 210).

Atitudes de cuidado generoso, de ternura e gratuidade revelam que essa “conversão ecológica” é possível, e que as crianças podem ser bons exemplos para nós. Com certeza, a atitude de Jesus que nos convidava a olhar os lírios do campo ou as aves do céu, foi ensinada por seus pais, José e Maria.

2. PEDAGOGIAS DO ENCONTRO: CRIANÇAS NA NATUREZA

*– É que as crianças passaram
por aqui com os pássaros...
A natureza lhes pertence
e elas aproveitam...
Se as vissem subir nas árvores e se
enfiar entre os galhos;
se as ouvissem chilrear e rir!
Certamente jamais viram uma
animação dessas em suas classes!*

Célestin Freinet

As pedagogias registram intencionalidades que deveriam conduzir a encontros alegres e saudáveis. Se recordamos a passagem de Emaús,⁶ compreenderemos o significado dessa premissa.

Neste capítulo, queremos mostrar um mapa de algumas “pedagogias” que tem mostrado uma preocupação com esses “encontros” entre a criança e a natureza. Não há pretensão de apresentar uma historiografia de cada uma dessas chamadas pedagogias, e sim mapeá-las como possibilidades de compreensão e motivação para a realização de atividades que promovam e garantam esse encontro entre a criança e a natureza.

Citamos, na epígrafe deste capítulo, parte do legado de Célestin Freinet. O autor deixou registrado um movimento de novidades pedagógicas que sugeria o “sair da sala de aula em busca da vida existente no entorno mais próximo”⁷, valorizando a vida no campo e as práticas artesanais presentes nesse meio. Essa prática de sair observar o ambiente natural e humano foi conhecida como a aula-passeio ou aula das descobertas, e que será ponto de partida de uma série de técnicas pedagógicas que Freinet propôs. Cabe ressaltar que a aula-passeio até hoje influencia experiências na área de educação ambiental.

Em contextos e perspectivas diferentes, Jean-Ovide Decroly Decroly (*apud* DUBREUCQ, 2010) também sugeriu que a primeira educação considerasse a

6 Cf. Evangelho de Lucas 24, 13-35.

7 LEGRAND, L. Célestin Freinet. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. P. 15.

natureza, já que essa desperta a curiosidade da criança e deflagra o seu sentido de pertencimento a ela e ao conjunto dos seres vivos. Alertou para as crianças não ficarem fechadas e que era preciso que a educação evitasse o enclausuramento.⁸ O meio natural é um ambiente vivo, simples e sincero. A observação da natureza, dos animais, dos minerais e das plantas são uma fonte inesgotável para o desenvolvimento da criança, inclusive da sua personalidade. Decroly (*apud* DUBREUCQ, 2010, p. 126) afirmava na sua pedagogia natural que “os interesses nativos das crianças de todos os países estão fora da escola”.⁹

Assim, como Freinet e Decroly, outros pensadores da tradição pedagógica também refletiram sobre essa relação da criança com a natureza, os quais deixaram registros importantes sobre a necessidade desse encontro na formação e no desenvolvimento da criança.

Além dessa tradição pedagógica escolar (se é assim que podemos chamá-la), outras pedagogias têm sido sistematizadas como frutos de experiências de educação popular e comunitária que consideramos oportuno apresentar.

Uma das pedagogias com as quais podemos aprender muito é com a pedagogia dos “Sem Terrinha”. Ao analisar a pedagogia produzida pelo Movimento Sem Terra (MST) na dinâmica social do campo, Caldart identificou cinco matrizes pedagógicas. A terceira matriz é “a pedagogia da terra” que constitui a relação com a terra, com o trabalho e com a produção, como processos educativos constitutivos da identidade sociocultural do movimento. O estudo de Caldart¹⁰ define o movimento social como sujeito educador, o que nos possibilita de forma análoga no interesse deste estudo, definir a Natureza, também, como um sujeito que educa.

8 “Eu percebi, pouco a pouco, que a sala de aula é o pior que pode acontecer, que o meio natural, constituído por uma fazenda, campos, pradarias, animais a serem cuidados, plantas a recolher, representavam o verdadeiro material intuitivo capaz de acordar e de estimular as forças escondidas na criança”. Trecho publicado por Francine Dubreucq (2010) da obra de DECROLY, O.; BOON, G. *Vers l'école rénovée: une première étape*. Bruxelles: Office de publicité; Paris: Lebègue- Nathan, 1921. (Dubreucq, Francine. Jean-Ovide Decroly. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010, p. 31).

9 Decroly, J.-O. *Problemas de psicología y de pedagogía*. Madri: Francisco Beltrán, 1929. In: Dubreucq, Francine. Jean-Ovide Decroly. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010, p. 126.

10 CALDART, R. *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

Outra referência é a chamada “ecopedagogia”,¹¹ sistematizada por Francisco Gutiérrez e Cruz Prado.¹² A ecopedagogia integra a educação ambiental como um pressuposto básico e configura-se como um movimento preocupado com a “relação saudável com o meio ambiente, mas com o *sentido* mais profundo do que fazemos com a nossa existência, a partir da vida cotidiana”¹³. Os autores ao aprofundarem a dimensão da vida cotidiana no sentido espiritual, atualizam a concepção ecopedagógica para uma pedagogia da vida, que chamaram de “biopedagogia” (PRADO, 2006). Nessa perspectiva, cabe citar a cosmovisão ecológica que Leonardo Boff¹⁴ sintetiza

como “saber cuidar”, que integra a categoria de sustentabilidade e propõe um paradigma civilizatório de convivência humana com a Terra, de cidadania planetária.¹⁵ Pode-se afirmar que parte da síntese dessa concepção pedagógica está inscrita na atual concepção de ecologia integral, divulgada na encíclica *Laudato Si’*.

Cabe mencionar a contribuição de Fritjof Capra que utiliza a expressão “teia da vida” para indagar sobre as interrelações entre os seres vivos no ambiente natural (CAPRA *et al.* 2006). O autor explicita que a “crise ecológica é, em todos os sentidos, uma crise de educação”,¹⁶ e que

11 Moacir Gadotti (2001) prefere chamá-la de “Pedagogia da Terra”. Um aspecto que o autor reflete sobre este conceito e que se torna atual está expresso nesta citação: “Paulo Freire, que faleceu em 1997, foi o autor de um grande livro: Pedagogia do Oprimido. Consideramos hoje a Terra também como oprimido, por isso precisamos também de uma pedagogia desse oprimido que é a Terra. Precisamos de uma Pedagogia da Terra como um grande capítulo da pedagogia do oprimido. Uma pedagogia que tem como suporte o Paradigma Terra que considera esse planeta como uma única comunidade, uma e diversa”. P. 2.

12 Cf. GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C. Ecopedagogia e cidadania planetária. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 1999.

13 GADOTTI, M. Ecopedagogia, Pedagogia da terra, Pedagogia da Sustentabilidade, Educação Ambiental e Educação para a Cidadania Planetária. São Paulo: Instituto Paulo Freire. P. 2.

14 Cf. BOFF, L. Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra. Petrópolis, Vozes, 1999.

15 Interessante metáfora o autor utiliza quando fala em seu livro *Do iceberg à arca de Noé: o nascimento de uma ética planetária* que: “A globalização traz consigo uma consciência planetária. Temos apenas esse planeta para morar. Importa cuidar dele como cuidamos de nossas casas e de nossos corpos. [...]. Dessa vez não haverá uma arca de Noé que salve alguns e deixe perecer os demais. Ou nos salvamos todos, biosfera e humanos, ou perecemos todos” (BOFF, 2010, p. 126).

16 CAPRA, F. *et al.* Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006. P. 11.

“toda educação é educação ambiental [...] com a qual por inclusão ou exclusão ensinamos aos jovens que somos parte integral ou separada do mundo natural (CAPRA *et al.*, 2006, p. 11)”¹⁷. A obra *Alfabetização ecológica: a educação das crianças para um mundo sustentável* (CAPRA *et al.*, 2006) descreve vários projetos de formação ecológica sobre os valores da *slow food*, da *slow school*, dos saberes das pedagogias indígenas e de experiências de educação ambiental e artísticas que ajudem as crianças a se apaixonar pelo planeta Terra e a transformarem as práticas na própria escola, em práticas mais saudáveis.

Enrique Leff (2002, p. 36) aproxima o saber ambiental às práticas agroecológicas e reconhece que “os saberes agroecológicos são uma constelação de conhecimentos, técnicas, saberes e práticas dispersas que respondem às condições ecológicas, econômicas, técnicas e culturais de cada geografia e de cada população”¹⁸. De acordo com o autor, os saberes agroecológicos são produzidos na interface entre as cosmovisões, teorias e práticas orientadas ao bem co-

mun e ao equilíbrio ecológico do planeta. As pedagogias agroecológicas recomendam que se priorizem os entornos naturais como cenários educativos e pela *naturalização dos entornos escolares*, incluindo nas suas instalações elementos não artificiais que favoreçam a interação das crianças com o meio natural.¹⁹ A agroecologia escolar sugere práticas como jogo livre e experimentação nos diferentes ecossistemas naturais; contação de histórias da natureza, semear cereais, hortaliças e ervas medicinais e temperos, cuidar da horta, classes de horticultura e floricultura, práticas agrícolas e de arborização, de alimentação saudável, entre outras. É importante compreender os valores que pautam as práticas agroecológicas, como “compartilhar” o semear, o cuidar e colher; “associar” a criatividade com a natureza, “envolver-se” no mundo orgânico²⁰ e “preservar” os saberes dos povos tradicionais, indígenas e quilombolas (BARBA MERINO; DURAN TAPIA, 2019).

Essas pedagogias se multiplicam em diferentes contextos, movimentos sociais, associações comunitárias, cooperativas, escolas e instituições não gover-

17 Idem.

18 LEFF, E. Agroecologia e saber ambiental. *Agroecol.e Desenv. Rur. Sustent.*, Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar.2002. P. 36.

19 MARTÍNEZ-MADRID, B.; EUGENIO, M. Acercamiento a la agroecología en la infancia: propuestas educativas y reflexiones. *Agroecología* 11 (1): 7-18, 2016.

20 MERINO, E.; TAPIA, M. Proyectos agroecológicos escolares en Educación Inicial: estudio de caso comparativo entre dos centros de Educación Inicial. Ecuador: Universidad Nacional de Educación, 2019.

namentais. A nível de América Latina e Brasil encontros de agroecologia se realizam anualmente e se regionalizam constituindo redes que se multiplicam afirmando os valores da agroecologia como um modo de vida sustentável.

Pesquisadores atuais, como Léa Tiriba (2018),²¹ destacam a importância da exposição da criança à natureza, e de como essa influência é positiva no desenvolvimento cognitivo, emocional e físico, sobretudo na primeira infância, quando o efeito do meio ambiente é mais prevalente sobre a plasticidade infantil. O distanciamento entre as crianças e os ambientes naturais limita a interatividade com a natureza, afetando-as no seu desenvolvimento psicossocial²². Segundo eles, a falta de proximidade “pode contribuir para a formação de gerações pouco comprometidas com os problemas ambientais, pois existe uma relação estreita entre sentir-se parte do mundo natural e protegê-lo (TIRIBA; PROFICE, 2014, p. 64-65)”.²³ E,

ainda, destacam que “a perda de contato e alienação em relação aos ambientes naturais gerariam uma espécie de extinção da experiência, ou seja, um ciclo de desconexão e progressiva desfiliação [...], uma desconexão em relação à natureza²⁴ (TIRIBA; PROFICE, 2014, p. 64-65) ”.

Assim, como síntese do capítulo, somos chamados a reinventar o “jardim do currículo” (DE MOORE, 2000), para que os alunos possam trabalhar e aprender com a Terra o significado ecológico integral do cuidar.

3. POSSIBILIDADES PRÁTICAS PARA O EU E TU DA CRIANÇA COM A NATUREZA

O contato da criança com a natureza é um elemento relacional constitutivo da concepção de criança. As crianças vivem e demonstram curiosidade sobre o mundo físico e a escola precisa promover experiências nas quais as crianças possam observar, manipular, investigar e explorar o

21 MERINO, E.; TAPIA, M. Proyectos agroecológicos escolares en Educación Inicial: estudio de caso comparativo entre dos centros de Educación Inicial. Ecuador: Universidad Nacional de Educación, 2019.

22 O jornalista e fundador do Movimento Criança e Natureza Richard Louv publicou o livro A última criança na natureza: resgatando as nossas crianças do transtorno de déficit da natureza (2016) no qual analisa as implicações tanto da presença quanto do distanciamento da natureza na vida das crianças.

23 TIRIBA, L.; PROFICE, C. O direito humano à interação com a natureza. In: SILVA, A.; TIRIBA, L. (orgs.). Direito ao ambiente como direito à vida: desafios para a Educação em Direitos Humanos. São Paulo: Cortez, 2014. P. 64-65.

24 Idem.

seu entorno. Incentivar esse encantamento é uma responsabilidade da escola.²⁵

Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC),²⁶ na etapa da Educação Infantil, sugerem-se alguns exemplos de objetivos de aprendizagem e desenvolvimento (BRASIL, 2018):

- Observar e vivenciar situações de contato com fenômenos da natureza, exemplo: chuva, vento, correnteza etc.
- Apreciar e manifestar curiosidade frente aos elementos da natureza, se entretendo com eles.
- Participar de situações misturando areia e água, diversas cores de tinta e explorando elementos da natureza como: terra, lama, plantas etc.
- Identificar sons da natureza.
- Conhecer fenômenos e mistérios da natureza.
- Perceber os sons da natureza e reproduzi-los: canto dos pássaros, barulho de ventania, som da chuva em brinca-

deiras, encenações e apresentações.

- Utilizar, com ou sem a ajuda do professor, diferentes fontes para encontrar informações frente a hipóteses formuladas ou problemas a resolver relativos à natureza, seus fenômenos e sua conservação, como livros, revistas, pessoas da comunidade, fotografia, filmes ou documentários etc.
- Reconhecer as cores presentes na natureza e no dia a dia nomeando-as, com o objetivo de fazer a correspondência entre cores e elementos.
- Experimentar as diversas possibilidades do processo de produção das cores secundárias e reconhece-as na natureza, no dia a dia e em obras de arte.
- Investigar e registrar as observações a seu modo, sobre os fenômenos e mistérios da natureza.

Além das possibilidades curriculares existe um repertório de recursos que podem nos apoiar na mediação desses encontros entre a criança e a natureza. A seguir especificamos alguns exemplos:

25 Sugere-se a leitura do livro *Desemparedamento da infância: a escola como lugar de encontro com a natureza* (2018), organizado por Maria Isabel Amando de Barros. O livro está disponível no site HYPERLINK "https://criancaenatureza.org.br/wp-content/uploads/2018/08/Desemparedamento_infancia.pdf" <https://criancaenatureza.org.br>

26 Cf. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>

Sites

- Instituto Alana - <https://alana.org.br/>
 - Programa Criança e Natureza - <https://criancaenatureza.org.br/>
 - Tierra en las manos - <http://www.tierraenlasmanos.com/>
 - Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá - <http://www.centrosabia.org.br/>
-

Animações

- Floresta que refresca – Centro Sabiá
 - Comida que alimenta – Centro Sabiá
 - Agroecologia é Vida! – Centro Sabiá
 - Um plano para salvar o planeta – Turma da Mônica
 - Abuela Grillo - The Animation Workshop, Nicobis, Escorzo, e a Comunidad de Animadores Bolivianos
-

Filmes infantis

- Tainá
 - Rio
 - Sem Floresta
 - Pachamama
-

Desenhos animados

- O Show da Luna
 - George, O Curioso
 - Guardiões da Biosfera
-

Poemas

- ABC da flor, de Cleonice Rainho
 - Estilos, de Eloí Elizabet Bocheco
 - O sol, de João de Deus Souto Filho
-

Músicas

- Sol, Lua, Estrela – Palavra Cantada
 - Ñande Reko Arandu: Memória viva Guarani
 - Série Radiofônica Laudato Sí' - REPAM
 - CD Filhos da Mãe Terra. Cantando, brincando e convivendo com a Mãe Terra! - ABAI
-

Além desses recursos, existem práticas que são produzidas e sistematizadas a partir da experiência original de educadores, comunidades e instituições que assumem e divulgam pedagogias comprometidas com a relação da criança com a natureza.

Por exemplo o livro *Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*,²⁷ de Gandhi Piorski (2016), no qual o autor registra a experiência criativa de brinquedos com materiais de diferentes re-

giões e origens. Também, os educadores da Associação Brasileira de Amparo à Infância (ABAI), no município de Mandirituba/PR, criaram o jogo de tabuleiro *O Guardião da Semente Nativa*,²⁸ que sintetiza um percurso de saberes agroecológicos para as crianças se apropriarem e compreenderem as dimensões que integram a agroecologia. Outra experiência significativa da ABAI é chamada de “bolinhas de semente”, conforme mostra a imagem:

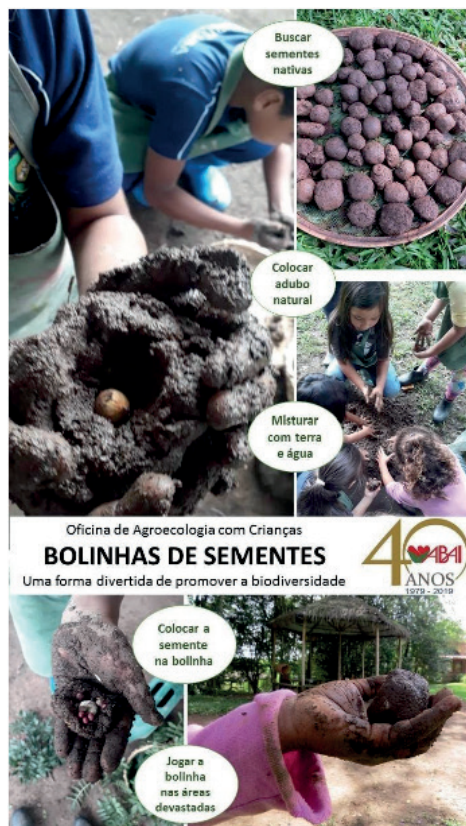


Figura 1: Oficina de agroecologia com crianças.

Fonte: Associação Brasileira de Amparo à Infância – ABAI, 2019.

27 PIORSKI, G. *Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. São Paulo: Peirópolis, 2016.

28 O tabuleiro do jogo, as cartas do jogo e as instruções podem ser solicitados à equipe da Associação Brasileira de Amparo à Infância – ABAI.

Assim, como essa experiência, há muitas outras sendo realizadas e que muitas vezes não são registradas e nem publicadas em livros, sites e mídias sociais. A nossa aproximação e o registro desses exemplos é um exercício de formação continuada e de cooperação no compromisso pela ecologia integral e pelo direito da interação das crianças com a natureza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sintetizou oportunidades que podem ser propostas para a criança descobrir que o planeta é um dom de Deus que precisa ser cuidado. Para isso, recomenda aos educadores avaliar propostas pedagógicas que apoiem as crianças na maturação de virtudes ecológicas.

Nessa intenção, reconhecemos o direito da criança à interação com a natureza, como elemento relacional constitutivo para o seu desenvolvimento. A abertura à natureza e ao brincar livre são experiências significativas para a sua saúde e cidadania ecológica.

A recomendação de priorizar os entornos naturais como cenários educativos e os valores cooperativos da agroecologia escolar como integradores na mediação das crianças com os seus colegas e com os seres vivos constituem uma proposta de tradução concreta da *Laudato Si'* para a educação e espiritualidade ecológicas da criança.

REFERÊNCIAS

BARBA MERINO, E.; DURAN TAPIA, M. **Projectos agroecológicos escolares en Educación Inicial**: estudio de caso comparativo entre dos centros de Educación Inicial. Ecuador: Universidad Nacional de Educación, 2019.

BOFF, L. **Saber cuidar**: ética do humano, compaixão pela terra. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, L. **Do iceberg à Arca de Noé**: o nascimento de uma ética planetária. 2. ed. Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 14 mar. 2020.

CALDART, R. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**: escola é mais do que escola. Petrópolis: Vozes, 2000.

CAPRA, F. *et al.* **Alfabetização ecológica**: a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006.

CHESINI, C.; GILZ, C. (org.). **Linhas de Ação Pastoral da ANEC**. Brasília: ANEC, 2019.

CNBB; ANEC; CRB. **A Igreja no Brasil, com o Papa Francisco, no Pacto Educativo Global**. Orientações gerais. Brasília: CNBB, ANEC, CRB, 2020.

DE MOORE, E. O Jardim como currículo: : valores educacionais para a sustentabilidade. **Revista Pátio**, Porto Alegre, n. 13, p. 11-15, maio/jul. 2000.

DUBREUCQ, F. **Jean-Ovide Decroly**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

FRANCISCO, P. **Laudato Si'** – Carta Encíclica Sobre o Cuidado da Casa Comum. Brasília: Edições CNBB, 2015. (Documentos Pontifícios, 22).

FRANCISCO, P. **Amoris Laetitia** – Exortação Apostólica Pós-sinodal sobre o Amor na Família. Brasília: Edições CNBB, 2016. (Documentos Pontifícios, 24).

FRANCISCO, P. **Querida Amazônia** – Exortação Apostólica Pós-sinodal ao povo de Deus e a todas as pessoas de boa vontade. Brasília: Edições CNBB, 2020. (Documentos Pontifícios, 43).

GADOTTI, M. **Ecopedagogia, Pedagogia da terra, Pedagogia da Sustentabilidade, Educação Ambiental e Educação para a Cidadania Planetária**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2009.

GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. São Paulo: Cortez/ Instituto Paulo Freire, 1999.

LEFF, E. Agroecologia e saber ambiental. **Agroecol.e Desenv. Rur. Sustent.**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 36-51, jan./mar.2002.

LEGRAND, L. **Célestin Freinet**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

MARTÍNEZ-MADRID, B.; EUGENIO, M. Acercamiento a la agroecología en la infancia: propuestas educativas y reflexiones. **Agroecología**, v. 11, n. 1, p. 7-18, 2016.

PIORSKI, G. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

PRADO, C. Biopedagogia. In: Guadas, P. *et al.* (org.). **Fórum Paulo Freire** – V Encontro Internacional: Sendas de Freire: opresiones, resistências y emancipaciones en um nuevo paradigma de vida. Xátiva: Institut Paulo Freire de España y Crec, 2006. p. 169-211.

SÍNODO DOS BISPOS. **Amazônia**: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral - Documento Final da Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazônica. Brasília: Edições CNBB, 2019. (Documentos da Igreja, 58).

TIRIBA, L. **Educação Infantil como direito e alegria**. 1. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

ARTIGO

PASTORAL EDUCATIVA: UMA EXPERIÊNCIA DE AFETO NO CHÃO SAGRADO DA ESCOLA

José Sotero dos Santos Neto

RESUMO

A educação e a evangelização, são duas forças que correlacionadas na busca pela formação integral do ser humano, se estabelecem num itinerário promissor que desemboca na plenitude do viver. O ambiente escolar se configura como possibilidade de abertura da consciência e o conhecimento de si, além da percepção e responsabilidade para com as maravilhas do mundo, em específico da natureza. Por sua vez, a ação pastoral no ambiente educativo deve estimular a busca de mecanismos dinamizados por uma mediação afetivo-motivadora. Sendo assim, acredita-se na utopia de uma educação evangelizadora, dinamizada pelo afeto, visto que somos seres com a dimensão da busca pelo sentido existencial.

PALAVRAS-CHAVE: Pastoral Educativa. Afetividade. Ambiente Educativo.

JOSÉ SOTERO DOS SANTOS NETO

Graduado em Teologia, com Especialização em Língua Portuguesa.
Coordenador de Pastoral do Colégio Marista Patos de Minas.

CONTATO: jsotero@marista.edu.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“As três linguagens do amor concreto: a linguagem da cabeça, a linguagem do coração e a linguagem das mãos. Tem que haver harmonia entre as três, de tal maneira que você pense o que sente e o que faz, sinta o que pensa e o que faz e faça o que sente e o que pensa. Isto é o concreto. Ficar somente no virtual é como viver numa cabeça sem corpo”
(Papa Francisco).

A evangelização é a missão global da Igreja encarnando o Evangelho nas mais diferentes culturas. Todo processo evangelizador deve ser feito à luz da Palavra de Deus, sendo por meio dela a transmissão dos valores que queremos deixar como herança para a sociedade. Ademais, ainda de acordo com a Palavra de Deus, é preciso estar atento aos sinais dos tempos e buscar respostas aos desafios suscitados por eles.

Um dos desafios próprios do nosso tempo é justamente o nível de proximidade entre a educação e a evangelização, na medida em que a formação integral se torna critério para se estabelecer um itinerário que desemboque na plenitude do viver. Assim, o presente texto deseja apresentar elementos facilitadores para uma efetiva ação evangelizadora no chão educativo.

// NO PROCESSO EDUCATIVO-EVANGELIZADOR SOMOS INSTIGADOS A DESENVOLVER ESTRATÉGIAS QUE

LEVEM À SUPERAÇÃO DE UMA VISÃO REDUCIONISTA DE EVANGELIZAÇÃO E DE PASTORAL COMO IMPOSIÇÃO DE UMA DOCTRINA OU DE UMA FÉ, CONFIGURADAS COMO PROSELITISMO. NO ÂMBITO DOS ESPAÇOS EDUCATIVOS BUSCAMOS CONSOLIDAR TANTO AS AÇÕES QUE SE FUNDAMENTAM E SE CONFIGURAM NO TESTEMUNHO, DIÁLOGO, SERVIÇO E ANÚNCIO DA BOA NOVA E DA PESSOA DE JESUS DE NAZARÉ, QUANTO NA PROPAGAÇÃO DOS VALORES DO EVANGELHO, ESTENDIDA A TODA A COMUNIDADE EDUCATIVA, QUE FAVORECE A ABERTURA PARA O DIÁLOGO ECUMÊNICO E INTER-RELIGIOSO (UMBRASIL, 2016, P. 39). //

O processo educacional tem como missão reinventar a vida, auxiliando o ser humano a situar-se no mundo, adequar-se às situações e encontrar sentido para o que faz. Neste caso, quando realizada de forma intencional, a “práxis educativo-evangelizadora” gera permanente transformação. Por sua vez, a ação evangelizadora reúne em si cuidado e sistematização, sendo, uma proposição de vida a partir da fé, que perpassa pela razão e traduz-se em valores. Desta maneira, prioriza-se um modelo de educar que consista na necessária valorização do ser humano em sua integralidade, considerando a dimensão evangelizadora como elemento fundamental.

A realidade social é dinâmica, multifacetada e de expressões diversas. Neste

múltiplo cenário, sobressai uma demanda por leitura dos contextos, para que possamos definir estratégias de ação que garantam, por meio da formação humana, os valores sociais de convivência e de paz. Diante dos desdobramentos ocasionados pelos elementos contemporâneos – políticos, socioambientais, econômicos, religiosos e culturais – exige-se o convite por uma educação para a paz comprometida com a vida e pautada pelo humanismo cristão.

// *MUITAS SÃO AS CARACTERÍSTICAS QUE CONFIGURAM O CENÁRIO CONTEMPORÂNEO: A RAPIDEZ DAS MUDANÇAS E DOS FATORES QUE LEVAM IDEIAS E PRODUTOS À OBSOLESCÊNCIA, A MOBILIDADE HUMANA, O FLUXO DE MERCADORIAS E TENDÊNCIAS, A MULTIPLICAÇÃO FRENÉTICA DO CONHECIMENTO-INFORMAÇÃO, A EMERGÊNCIA DE UMA CONSCIÊNCIA PLANETÁRIA, A BUSCA DE NOVAS RELAÇÕES COM O SAGRADO, E A PERCEPÇÃO DAS SOCIEDADES CADA VEZ MAIS INTERCONECTADAS ETC (UMBRASIL, 2013, P. 45).* **//**

AMBIENTE EDUCATIVO

O processo educacional tem como função colaborar para despertar a capacidade crítica da pessoa, condição indispensável para a renovação da sociedade e reconhecimento das situações que devem ser transformadas. Desta maneira, entende-se a escola como espaço de educação para a vida, de desenvolvimento cultural e empenho pelo bem comum. A escola se

legítima como uma frutífera oportunidade de compreensão do presente e de preparar o futuro para a vivência de uma sociedade justa e humanizada.

A escola deve centrar-se na pessoa que aprende, ou seja, nos estudantes, possibilitando-os uma formação nas diversas dimensões para que eles sejam habilitados na inserção do mundo do trabalho e da vida social com as devidas competências. O ambiente escolar se configura como possibilidade de abertura da consciência e o conhecimento de si, além da percepção e responsabilidade para com as maravilhas do mundo, em específico da natureza. Portanto, a escola é chamada a contribuir na descoberta do sentido da vida e incentivar novas esperanças para o hoje, em perspectiva do futuro.

É preciso entender que a escola não pode limitar à sua ação – missão –, ao cumprimento da dinâmica de qualidade educacional, mas o seu diferencial está no desenvolvimento da “capacidade de olhar” dos estudantes. Na verdade, é o exercício da educação para o bem comum, que prioriza o desenvolvimento da capacidade de saída de si mesmo em busca do outro.

// *ENTENDEMOS QUE EDUCAR NÃO SE RESUME AO DESENVOLVIMENTO DE CAPACIDADES INTELLECTUAIS, HABILIDADES MOTORAS OU DA SOCIABILIDADE DA PESSOA, MAS EM POSSIBILITAR A “AQUISIÇÃO GRADUAL DUM*

SENTIDO MAIS PERFEITO DA RESPONSABILIDADE NA PRÓPRIA VIDA, RETAMENTE CULTIVADA COM ESFORÇO CONTÍNUO E LEVADA POR DIANTE NA VERDADEIRA LIBERDADE" (CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, 1965B, GE, P. 1). E ISSO SE SITUA NO TERRENO DA ESPIRITUALIDADE. TRATA-SE DE POSSIBILITAR UMA EXPERIÊNCIA ESPIRITUAL ENCARNADA NA REALIDADE, LIBERTADORA, CAPAZ DE FECUNDAR A HISTÓRIA E ACALENTAR A UTOPIA, FONTE DE DISCERNIMENTO DIANTE DAS AMBIGUIDADES, SERENIDADE NAS CONTRADIÇÕES, ESPERANÇA DIANTE DE VISÕES FATALISTAS E CATASTRÓFICAS QUE UM OLHAR ESTRITAMENTE IMANENTE IMPÕE (JUNQUEIRA; ITOZ; MELO NETO, 2016, P. 173-174). //

A escola é espaço de encontros, de inúmeras possibilidades e provocadora de comunhão, à medida em que aposta num projeto gerador de diálogo, troca de experiências e construção das gerações. Ela é parte de uma semeadura em preparação do "terreno" para uma convivência baseada no espírito de acolhimento e de solidariedade. Por fim, todas as instâncias da comunidade educativa – estudantes, famílias e educadores – são convidadas a inserir o fermento evangélico nas culturas da contemporaneidade.

Da escola-comunidade fazem parte todos os que estão diretamente envolvidos nela: professores, equipe gestora, administrativo, auxiliar, estudantes e

seus pais/responsáveis. O conjunto da comunidade escolar mesmo com a diversidade de funções e algumas divergências, reveste-se das características da comunidade cristã, lugar envolvido pela caridade e troca de experiências, espaço gerador de vida, fraternidade e sonhos.

A comunidade educativa deve criar um ambiente favorável que desperte o senso de pertença, de participação e responsabilidade em todos os envolvidos no universo escolar, de modo que cada um desenvolva a sua parte no espírito evangélico de caridade e liberdade. O clima comunitário propiciado nos diversos segmentos da escola deve ser permeado por relações mútuas marcadas por uma grande familiaridade e espontaneidade, espaços ricos de convivência e formação de vínculos fraternos duradouros.

O ESPAÇOTEMPO EDUCATIVO, UM LUGAR TEOLÓGICO

Vale salientar que o espaçotempo propiciado pelo universo educativo é um lugar teológico. Esta afirmação parte do pressuposto que à luz da Revelação de Deus, toda realidade que afeta o ser humano transforma-se em lugar teológico. Nesse sentido, a escola com toda carga social, cultural e comunicativa que ela traz consigo, pode e deve ser considerada um lugar teológico. Neste sentido, podemos parafrasear o teólogo jesuíta, João Batista Libânio:

// CONSIDERAR A ESCOLA COMO LUGAR TEOLÓGICO É ACOLHER A

VOZ DE DEUS QUE FALA POR MEIO DOS SUJEITOS SOCIAIS QUE ELA TRAZ CONSIGO. A NOVIDADE QUE A ESCOLA NOS APRESENTA NESTE MOMENTO, PORTANTO, É SUA TEOLOGIA, ISTO É, O DISCURSO QUE DEUS NOS FAZ ATRAVÉS DOS SEUS INTERLOCUTORES – ESTUDANTES, FAMILIARES, PROFESSORES... DE FATO, DEUS NOS FALA PELAS CRIANÇAS, ADOLESCENTES, JOVENS E ADULTOS. A ESCOLA, NESTA PERSPECTIVA, É UMA REALIDADE TEOLÓGICA, QUE PRECISAMOS APRENDER A LER E A DESVELAR (APUD RIBEIRO, 2011, P. 101). //

Numa melhor compreensão sobre lugar teológico, ainda o teólogo Libânio

// APLICA O TERMO “LUGAR” A DOIS CONTEXTOS: PRIMEIRO AO CONHECIMENTO TEOLÓGICO, QUE É A REVELAÇÃO RELACIONADA À PALAVRA DE DEUS, LIDA E ENTENDIDA NA LONGA TRADIÇÃO DA IGREJA, E SEGUNDO, À POSIÇÃO QUE SE ASSUME EM MEIO ÀS RELAÇÕES SOCIAIS E MOSTRA A REALIDADE A PARTIR DE UMA SITUAÇÃO CONCRETA (APUD RIBEIRO, 2011, P. 102). //

Diante do exposto, é interessante a descoberta das inúmeras realidades que envolvem o espaço-tempo educativo e como elas afetam os sujeitos sociais deste coletivo. Desta maneira, se perceberá o discurso divino e o seu

audacioso projeto de reino para a nossa sociedade. Realmente, a escola enquanto realidade teológica, é um lugar de aprendizagem que precisa ser lido, aprofundado e desvelado.

PASTORAL EDUCATIVA

// “PROMOVER, ARTICULAR E ORGANIZAR AÇÕES EVANGELIZADORAS NO MUNDO DA EDUCAÇÃO, COMPREENDIDO COMO PESSOAS, INSTITUIÇÕES E AMBIENTES RELACIONADOS À EDUCAÇÃO, COM A FINALIDADE DE SER SINAL DO REINO DE DEUS E DE CONSTRUIR UM SER HUMANO FRATERNAL, LIVRE, JUSTO, CONSCIENTE, COMPROMETIDO E ÉTICO (CNBB, 2016, P. 7). //

A pastoral educativa deve assegurar uma série de iniciativas em vista da participação e da transformação da sociedade, buscando alicerçar um projeto pedagógico que assuma os valores evangélicos. Assim, a pastoral educativa se constituirá como um conjunto orgânico de estruturas formais educacionais necessárias, a fim de se construir um projeto educativo integral, envolvendo toda a comunidade escolar. A pastoral educativa pretende desenvolver processos e ações para realizar a sua obra evangelizadora contribuindo dessa forma para a humanização da sociedade,

// PORTANTO, À LUZ DA EXPERIÊNCIA EVANGELIZADORA DA IGREJA, A PASTORAL DA EDUCAÇÃO PRETENDE SER UMA PRESENÇA EVANGELIZADO-

RA DA IGREJA NO MUNDO DA EDUCAÇÃO, POSSIBILITANDO, POR MEIO DE PROCESSOS PEDAGÓGICOS E PASTORAIS, O ENCONTRO DAS PESSOAS COM OS VALORES DO REINO DE DEUS, COMO O AMOR, A VERDADE E O BEM (CNBB, 2016, P. 11). //

NA VIVÊNCIA DOS VALORES UNIVERSAIS, NA PROMOÇÃO DA DIGNIDADE HUMANA, NA JUSTIÇA E NA SOLIDARIEDADE, TENDO COMO CENTRO A PESSOA DE JESUS DE NAZARÉ E SUA MENSAGEM (UMBRASIL, 2016, P. 41). //

Portanto, a pastoral educativa deverá propor uma reflexão-ação conjunta que questiona criticamente, à luz dos valores evangélicos, a educação em si, os processos educativos e as estruturas das instituições e movimentos da educação. Os agentes/interlocutores da ação pastoral deverão ir ao encontro, no universo educativo, daqueles que vivem nas periferias existenciais e que exigem maior ação evangelizadora da Igreja.

Logo, vale ressaltar que a pastoral educativa deve saber-se inter-religiosa, ou de abertura ao outro, na formação de diálogos entre os diferentes sujeitos, sabendo tratar das múltiplas dimensões da condição juvenil e de seus territórios. Na verdade, a pastoral deve ter presente as diversas compreensões de mundo, sejam elas do ambiente real ou virtual, presentes no espaço educativo.

// [...] *A PASTORAL SE CONSTITUI COMO UMA INSTÂNCIA VITAL PARA DINAMIZAR A AÇÃO EVANGELIZADORA, ENCARNADA NA REALIDADE, TOMANDO COMO REFERENCIAL A ANTROPOLOGIA CRISTÃ, PROPÕE AÇÕES PAUTADAS NO ANÚNCIO DO EVANGELHO, NA EDUCAÇÃO DA FÉ,*

A organização da pastoral, no ambiente escolar, educa para um modelo de vida alicerçado na experiência comunitária. São os coletivos humanos, facilitadores, para elementos de cuidado e sensibilidade acolhedora com o outro e com o meio onde se habita. Por sua vez, a escola terá como inspiração evangélica a própria pessoa e ação de Jesus, ou seja, o seu jeito de viver e de posicionar-se diante de cada situação da vida.

No espaço escolar, a pastoral, torna-se a dimensão educativa que cuida e trata de sujeitos e de suas relações, no intuito de contribuir para o bem coletivo, visto que a ação pastoral se realiza no processo de interação com as pessoas e suas junções coletivas, além dos territórios de vivências que estas constituem. Concretamente, a pastoral deve aproveitar das possibilidades nas interpelações das relações humanas em todas as instâncias educativas – estudantes dos diversos níveis, professores e colaboradores em geral, famílias e responsáveis, equipe gestora, atividades extra escola e demais sujeitos – para que todos os envolvidos possam vislumbrar caminhos para uma educação humanizadora.

Nos processos educativos-evangelizadores, a pastoral compõe, enriquecida pela

dinâmica pedagógica, um espaçotempo essencial. Se por um lado, as teorias pedagógicas favorecem uma apropriação sobre os processos de aprendizagem, por outro, a pastoral abastece esses processos à luz da fé. Tudo é formativo, resultando um profundo ecossistema educativo-evangelizador.

PASTORAL EDUCATIVA: UMA EXPERIÊNCIA AFETUOSA

Segundo o autor Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21), no estudo *Experiência e alteridade em educação*, afirma que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada acontece”. Percebe-se que o autor enfatiza que a experiência não tem o mesmo significado para todas as pessoas, de maneira que ela só se tornará significativa se nos afetar, nos transformar. Larrosa Bondía (2002) defende a experiência como uma possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque. No entanto, é necessário um gesto de interrupção, ou seja, parar para

// *PENSAR, PARAR PARA OLHAR, PARAR PARA ESCUTAR, PENSAR MAIS DEVAGAR, OLHAR MAIS DEVAGAR, E ESCUTAR MAIS DEVAGAR, PARAR PARA SENTIR, SENTIR MAIS DEVAGAR, DEMORAR-SE NOS DETALHES, SUSPENDER A OPINIÃO, SUSPENDER O JUÍZO, SUSPENDER A VONTADE, SUSPENDER O AUTOMATISMO DA*

AÇÃO, CULTIVAR A ATENÇÃO E A DELICADEZA, ABRIR OS OLHOS E OS OUVIDOS, FALAR SOBRE O QUE NOS ACONTECE, APRENDER A LENTIDÃO, ESCUTAR AOS OUTROS, CULTIVAR A ARTE DO ENCONTRO, CALAR MUITO, TER PACIÊNCIA E DAR-SE TEMPO E ESPAÇO (JUNQUEIRA; ITOZ; MELO NETO, 2016, P. 122). //

A partir do exposto, entende-se que a experiência é um movimento singular, consistindo em situações que nos afetam a ponto de modificar a nossa percepção e atitudes. Portanto, quais experiências de sentido, via pastoral, com intencionalidade pedagógica, a escola oferece aos estudantes na perspectiva de uma educação evangelizadora com excelência?

// *A EXPERIÊNCIA DE DEUS SE DÁ NA TROCA COM O OUTRO, COM O MEIO, COM O CONHECIMENTO, NOS DÁ UMA VISÃO AMPLA SOBRE O MUNDO. É, PARA QUE ESTA EXPERIÊNCIA SEJA DE FATO SIGNIFICATIVA, É FUNDAMENTAL A SENSIBILIZAÇÃO A FIM DE QUE OS ALUNOS SE SINTAM TOCADOS EM PROFUNDIDADE, POIS “OS ACONTECIMENTOS DA ATUALIDADE, CONVERTIDOS EM NOTÍCIAS FRAGMENTADAS E ACELERADAMENTE OBSOLETAS, NÃO NOS AFETAM NO FUNDO DE NÓS MESMOS. VEMOS O MUNDO PASSAR DIANTE DE NOSSOS OLHOS E PERMANECEMOS EXTERIORES, ALHEIOS, IMPASSÍVEIS (JUNQUEIRA; ITOZ; MELO NETO, 2016, P. 122). //*

A dimensão pastoral inserida no contexto escolar articulando conhecimento, fé, religião, cultura, por meio de vivências solidárias buscará contribuir para a reconstrução das utopias e dos horizontes dos seres humanos. Afinal, é urgente fundamentar o significado do viés religioso, visto que os novos processos de construção de subjetividade contemporâneos exigem um novo modo de ser e estar no mundo. Portanto, cada vez mais se faz necessário o cultivo desta dimensão transcendental, tão forte no ser humano, a fim de incentivar a vivência e a descoberta de valores fundamentados na ética relacional.

A ação pastoral no ambiente educativo deve estimular a busca de mecanismos dinamizados por uma mediação afetivo-motivadora. É preciso resgatar a afetividade do olho no olho, da escuta, do toque com reverência, do abraço como aconchego, das palavras que curam e dos encontros geradores de vida, partilha e sabedoria. As práticas afetivas exigem uma “dose maior” de sensibilidade, a fim de que sejam produzidas a compaixão, a solidariedade e a capacidade de amar.

A experiência da pastoral educativa será um auxílio na tessitura do sentido da vida, sobretudo no desenvolvimento de uma consciência planetária ao reconquistar a essência do ser humano, em vista da construção de um mundo melhor para se viver. Ademais, partindo do pressuposto que o ser humano é um ser dialógico e de relações – com o mun-

do, com o outro, consigo mesmo e com o Absoluto – a pastoral será um espaço de abertura para o novo e de superação da indiferença.

Neste sentido, a experiência provocada por qualquer ação pastoral deve irradiar força e ternura, na medida em que inaugura um jeito novo de ser humano, fortalecendo os espaços pela cultura do bem viver. A vivência pastoral, simbolicamente, carregará em seus ombros os sonhos e anseios da comunidade educativa, para que esta veja além do horizonte e perceba a beleza e ternura do reino acontecendo para todos, por meio da força irresistível do amor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto nos alerta que o reconhecimento de uma ação evangelizadora efetiva no espaço escolar é possível na medida que as iniciativas sejam cada vez mais eficazes, ousadas e criativas em suas práxis. Neste sentido, permanece o convite para que, atentos aos sinais dos tempos, possamos buscar novas formas de vivenciar uma educação evangelizadora, que da unidade na diversidade promova o respeito, o diálogo e a acolhida relacional entre diferentes identidades e culturas.

A experiência afetiva no espaço-tempo educativo é um movimento que consegue envolver efetivamente todos os agentes e interlocutores do processo, visto que as interações no âmbito escolar são pontuadas pela afetividade.

Assim, vislumbraremos a proposta do Papa Francisco, alinhando escola-família-sociedade numa

// EMPREITADA [EM QUE] CADA UM TEM O SEU PAPEL PARTICULAR AO MESMO TEMPO QUE COMUNGAM ENTRE SI FORMANDO A ALDEIA QUE EDUQUE PARA A VIDA (CNBB; ANEC; CRB, 2020, p.12). //

Desta maneira, compreende-se também a escola, enquanto ambiente educativo, como um lugar teológico. Assim, um “lugar teológico (locus theologicus) pode ser um evento, uma experiência ou uma condição de vida – com seus respectivos sujeitos – em que Deus se revela para nós. Nesses “lugares” (loci) Deus se pronuncia e interpela a nossa fé, a nossa esperança e o nosso amor” (CNBB; ANEC; CRB, 2020, p.12).

// ESSES LUGARES TEOLÓGICOS NÃO SE CARACTERIZAM APENAS GEOGRAFICAMENTE, COMO UM MAPEAMENTO FÍSICO, MAS ACIMA DE TUDO, COMO UM MAPEAMENTO HERMENÊUTICO, POIS CONSTITUEM TEOGRAFIAS, OU

SEJA, INSCRIÇÕES DE DEUS NO TEMPO E NO ESPAÇO DA HUMANIDADE, DISPOSTAS PROVIDENCIALMENTE À NOSSA INTERPRETAÇÃO (UMBRASIL, 2016, p. 26). //

Portanto, ao vislumbrarmos uma escola que deseja revelar o seu autêntico e profundo caráter educativo, se perceberá automaticamente a evangelização como meio e possibilidade para o desenvolvimento do ser humano pleno, tendo como referência a pessoa de Jesus de Nazaré. Na realidade, não caberá a escola somente o desenvolvimento cognitivo e a excelência acadêmica, mas também a formação ética e social, o exercício para a abertura ao transcendente e a educação religiosa dos interlocutores.

Sendo assim, acredita-se na utopia de uma educação evangelizadora, dinamizada pelo afeto, visto que somos seres com a dimensão da busca pelo sentido existencial. Esta eterna busca dá cor, sabor e intencionalidade à vida. O caminho e a descoberta farão da escola uma fonte de vitalidade para a construção de uma sociedade sustentada por valores evangélicos.

REFERÊNCIAS

COMPÊNDIO DO VATICANO II: constituições, decretos, declarações. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Estudos da CNBB 110: Pastoral da Educação** – Estudo para Diretrizes Nacionais. 1ª ed. Brasília: Edições CNBB, 2016.

_____. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019 - 2023** (documentos da CNBB, nº109). Brasília: Edições CNBB, 2019.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. CNBB; Paulus; Paulinas, 2007.

CRB NACIONAL; CNBB; ANEC. **Orientações Gerais**. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/sites/32/2020/01/A-Igreja-do-Brasil-no-Pacto-Educativo-Global.pdf>. Acesso em 09 de abril de 2020.

DIRETRIZES DA AÇÃO EVANGELIZADORA: para o Brasil Marista. Brasília, DF: UMBRASIL, 2013.

EVANGELIZAÇÃO COM AS INFÂNCIAS: no Brasil Marista. Brasília, DF: UMBRASIL, 2016.

JUNQUEIRA, Sérgio; ITOZ, de Sonia; NETO, José Alves de Melo (orgs.), **Pastoral e Educação: Estudo e reflexão sobre pastoral escolar**. 1ª ed. Curitiba: Piá, 2016.

PAULO VI, **Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi**: sobre a *Evangelização no mundo contemporâneo*. 19ª ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

PLANO ESTRATÉGICO DE EVANGELIZAÇÃO: PMBCN 2018-2023. Província Marista Brasil Centro-Norte. Brasília, DF: Documento de uso interno, 2018.

RIBEIRO, Jorge Claudio. **CiberTeologia: Revista de Teologia e Cultura**, Edição 36 - Ano VII - Outubro/Dezembro 2011. Disponível em: <https://ciberteologia.com.br/post/notas/bento-xvi-e-a-juventude-a-partir-dos-discursos-do-papa-nas-jornadas-mundiais-da-juventude-2005-2011>. Acesso em 09 de abril de 2020.

SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA, **A Escola Católica**, 19 de março de 1977. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19770319_catholic-school_po.html. (Acesso em 02.04.2020).

_____. **Dimensão religiosa da educação na escola católica: orientações para a reflexão e a revisão**, 07 de abril de 1988. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19880407_catholic-school_po.html (acesso em 02.04.2020).

ARTIGO

PROJETO "CURTAS": VALORIZAÇÃO DA VIDA

Aline Nervo Vanner, Aline de Carvalho Fantoni, Edilaine Vieira Lopes

RESUMO

O artigo aborda um projeto desenvolvido no Colégio Santa Catarina (CSC), de NH/RS, sobre a roteirização, a gravação, a edição e a apresentação pública de "Curtas", vídeos pequenos, sobre as formas de solucionar problemas dentro e fora do ambiente escolar. Motivados pelas discussões iniciadas a partir do tema da Campanha da Fraternidade/2019, parte do princípio educacional do CSC, comprometido com a proposta iniciada em 1571, pela Bem-aventurada Regina Protmann, de educar crianças e jovens, ensinando-os a ler, escrever e calcular, formando cristãos para interagirem na comunidade eclesial e social. A base foi o Projeto Político Pedagógico Pastoral (PPPP), a partir de uma série de debates promovidos pela comunidade escolar para resolver as questões que incomodavam a todos, por meio de políticas públicas. Algumas ações promovidas pelos alunos, professores e equipe pedagógica divulgaram as atividades desenvolvidas, encontrando soluções e dando voz aos jovens, protagonistas da aprendizagem em prol do próximo, sob o ponto de vista da fé e da espiritualidade, por meio da inteligência e da maturidade nas relações, fruto da humanização escolar, alinhada à BNCC, mas sempre a exemplo do Mestre Jesus Cristo.

PALAVRAS-CHAVE: Curtas. Cinema. Políticas Públicas. Espiritualidade.

ALINE NERVO VANNER

Professora da Educação Básica no Colégio Santa Catarina/ Novo Hamburgo- RS. **CONTATO:** aline.nervo@gmail.com

ALINE DE CARVALHO FANTONI

Professora da Educação Básica no Colégio Santa Catarina/ Novo Hamburgo- RS. **CONTATO:** carvalhoaline@gmail.com

EDILAINE VIEIRA LOPES

Pesquisadora. Membro do Conselho Editorial da Revista Pastoral da ANEC. **CONTATO:** edilaine.nh@gmail.com

INTRODUÇÃO

O projeto foi impulsionado, inicialmente, com nossa participação no evento de Abertura da Campanha da Fraternidade da ANEC, no qual fomos provocados a realizar tal projeto dentro da nossa escola.

A partir desse evento, apresentamos para a coordenação escolar o projeto e, como já havíamos participado em outros anos, a proposta foi aceita e incorporada no calendário escolar do ano de 2019. Para isso, recebemos o auxílio da Pastoral Escolar, que nos orientou quanto às leituras do nosso PPPP. Relendo o material, debatemos sobre a concepção de sociedade.

O século XX marcou-nos por diversas transformações sociais, culturais, tecnológicas, científicas, políticas, religiosas, econômicas, tais como o automóvel, o cinema, o poder do Estado, as lutas feministas, a internet, o telefone celular e as novas gerações. O século XXI, no entanto, vive uma globalização que afeta diretamente toda a sociedade. De um lado, um paradigma que propaga a fluidez consumista de tudo: nada é feito para durar, para ser sólido. Disso resultou, entre outras questões, a obsessão pelo corpo ideal, o culto às celebridades, o endividamento geral, a paranoia com a segurança e até a instabilidade dos relacionamentos amorosos. É um mundo de dúvidas onde cada um vive por si. De outro lado, há o paradigma que propõe uma era de solidariedade e justiça. Um outro mundo é

possível, onde impera a fraternidade e a paz entre os povos, os direitos humanos, a vida digna, o bem-estar.

Em um mundo onde a aparência é valorizada, características de individualismo e independência são desenvolvidas, estão imbricadas nas pessoas, principalmente nos jovens. A sociedade contemporânea, também denominada sociedade das informáticas, cibercultura ou pós-modernidade desloca o saber para o saber e fazer. Independentemente do rótulo, incontestavelmente os tempos são outros e demandam por uma escola diferente, assim como exigem posturas também diferentes dos profissionais da educação. Uma proposta alternativa é aquela que valoriza a autonomia e independência responsáveis em que o saber está destinado a melhorar a vida dos seres humanos e a garantir uma paz planetária.

De posse desse entendimento, fomos convidadas a apresentar para os nossos colegas, professores, a proposta do projeto, objetivos, organização, montagem dos cursos, convidá-los e organizar uma atividade interdisciplinar com o tema “Curta Políticas Públicas na Educação”. Essa atividade teve início em fevereiro e término em outubro, na Assembleia Legislativa de Porto Alegre. Logo os professores abraçaram a ideia e um belo projeto interdisciplinar começava a se desenhar, com as disciplinas de História, Geografia, Sociologia, Filosofia, Português, Artes e Ensino Religioso, parcei-

ras para a realização das atividades.

As etapas escolhidas para a aplicação do projeto foram o 9º ano do Ensino Fundamental e a 2ª série do Ensino Médio. Em fevereiro, a explanação sobre o projeto e sobre a Campanha da Fraternidade foi realizada pelas professoras de Ensino Religioso. Em março, as professoras de História, Geografia, Sociologia e Filosofia começaram a trabalhar o conteúdo da Campanha (políticas públicas), para despertarem nos alunos a ideia dos curtas que gostariam de desenvolver. Para os 9º anos do Ensino Fundamental, além do Projeto Curtas, esse tema também seria o da Mostra Multidisciplinar (Feira de Ciências) da escola, então a escolha do assunto teria um peso mais relevante ainda.

Para colocar tudo isso em prática, a supervisão escolar nos orientou com base nos dizeres do nosso PPPP, já que o século atual veio demolindo certezas, especialistas e autoridades. Hoje, as grandes verdades não mais dão conta de explicar a realidade. A sociedade contemporânea perdeu a dimensão teleológica, ou seja, a capacidade de estudar os fins últimos da sociedade. Cai por terra a crença de que o mundo é regido pela linearidade. De acordo com Bauman (2001), os tempos são "líquidos" porque tudo muda rapidamente. Em relação à sustentabilidade, preserva-se os valores fundamentais, mas avança-se para a confluência de consensos.

A economia de mercado manipula a vida das pessoas, gerando novos parâmetros existenciais. Para alguns sujeitos, produtos que até poucos anos eram considerados não necessários, tornam-se hoje instrumentos indispensáveis. Individualismo e relativismo tomam posse da realidade, aniquilando doutrinas e ideologias. Na sociedade de consumidores, assiste-se à:

// NEGAÇÃO ENFÁTICA DA VIRTUDE DA PROCRASTINAÇÃO E DA POSSÍVEL VANTAGEM DE SE RETARDAR A SATISFAÇÃO" (BAUMAN, 2008, P. 111). //

Um desejo nunca fica satisfeito, pois um anseio gera outro sonho a satisfazer. Há um consumo exagerado e procura-se produtos voláteis e descartáveis. Da sociedade que buscava fazer economia, passa-se para a sociedade que se endivida com parcelas do cartão de crédito. Todavia, a economia é uma ciência e uma arte que nos auxilia, também, na organização da vida em sociedade. Pode ela, portanto, ser fundamentada no valor da partilha e da equidade, na distribuição dos bens da vida.

Tomados por essa ideia de partilhar, dividimos as tarefas. A matéria de Língua Portuguesa entrou como organizadora do roteiro de gravação dos curtas. Primeiro sanou dúvidas de como fazer um roteiro, o que precisava conter. A partir daí, era preciso transcrever para o papel as duas ideias, como ele seria organizado, onde aconteceria, quais seriam as falas dos personagens, enfim, toda

a história que iria se desenrolar nesse curta. A professora daria uma nota pela elaboração desse roteiro.

OS DEBATES

Em sala de aula, o projeto foi apresentado e os estudantes foram desafiados a refletirem sobre o tema “Políticas Públicas”. Os professores envolvidos apresentaram algumas políticas públicas em andamento a nível estadual, caracterizando-as quanto às suas etapas de desenvolvimento e implantação, destacando seus objetivos e opções tecnológicas para aplicação.

A direção sempre nos chamava a atenção para mantermos o alicerce firme no nosso PPPP, pois entre os elementos mais significativos da pós-modernidade, citamos o fenômeno do grande desenvolvimento tecnológico que atinge a sociedade e coloca a coletividade em um vórtice irrefreável de mudanças e possibilidades, criando exigências e desejos sempre mais diversificados. Esse fenômeno determina modelos de comportamento e massifica critérios de pensamento e de opinião. Isso tem relevantes implicações na educação escolar, pois, com o advento da sociedade pós-moderna, a acessibilidade à informação disseminou-se.

A informação está na internet, na televisão, nas revistas, no celular, de forma dinâmica e rápida. No entanto, a figura do professor, que era o único detentor do conhecimento e que marcou o início da instituição escolar, distanciou-se cada

vez mais dessa sociedade. Uma reinvenção da profissão docente fez-se necessária. Professor não poderia mais ser aquele que guardava o conhecimento, mas sim que construísse em comunhão com alunos e com uma comunidade real ou virtual e que compartilhasse saberes.

A educação, tal como a sociedade, vive em constante transformação. As escolas, assim como o ser humano, buscam maximizar o seu potencial, desenvolver habilidades, competências, valores, capacidades e atitudes, bem como fortalecer o entendimento de que somos diferentes e merecemos respeito. No entanto, essas aspirações não estão sendo concretizadas. A sociedade hoje, muitas vezes, exige da escola papéis que cabem à família, ao Estado ou à Igreja, depositando seus desejos e angústias na própria instituição. É necessário, portanto, que a escola resgate a parceria com a família para que juntas retomem valores importantes na sociedade.

A maneira com que compreendemos a sociedade influencia o nosso trabalho docente. Isso significa que a sociedade atual exige uma prática pedagógica que assegure a construção da cidadania, promovendo a resiliência, baseada na criatividade e nas responsabilidades que surgem das relações sociais, políticas, culturais, ecológicas, tecnológicas, científicas, religiosas e econômicas. É preciso, portanto, que nós educadores, estejamos preparados para agir dentro de uma época que apresenta possibilidades: uma socie-

dade de consumo e da cultura do imediato e uma sociedade solidária.

Após esse primeiro momento de retomada do PPPP e de organização, os alunos deveriam refletir sobre o assunto, buscando perceber quais os problemas que precisavam ser resolvidos no contexto em que viviam (rua, bairro, cidade, situações com amigos, conhecidos, etc.).

Depois dessa análise inicial, cada grupo debateu sobre suas percepções, discutindo sobre os problemas mensurados, gravidade, envolvidos e possíveis soluções. Os alunos ficaram livres para escolherem qual assunto gostariam de abordar dentro do tema "Políticas Públicas".

Foram disponibilizados períodos nas aulas de Ensino Religioso, História, Geografia e Filosofia para que os educandos se reunissem e pensasse no assunto que seria abordado, o problema que seria debatido, assim como a organização do curta, como e onde seria filmado.

Nos nonos anos, o assunto do curta também seria o da Mostra Multidisciplinar e deveriam fazer grupos até 4 componentes (por mais que o edital do curta da ANEC fosse para até 7 integrantes para a realização), foram vários assuntos nas turmas, relacionados às políticas públicas: saneamento básico, gravidez na adolescência, revitalização de praças, atendimento no sus, acessibilidade urbana, acessibilidade nas escolas, entre outros.

Nessa assertiva, o ser humano, constitui o alicerce do nosso Projeto Político Pedagógico Pastoral. Nas instituições escolares das Irmãs de Santa Catarina, as irmãs firmam seu processo educativo em um ser humano (ISC, 2015):

- Livre, criativo, transformador e responsável;
- Em busca da maturidade afetiva, relacional, profissional, espiritual e social;
- Capaz de dar valor à integridade, à solidariedade, à honestidade e à ética;
- Consciente de sua responsabilidade humana e planetária; capaz de pesquisar, inovar, empreender e atuar em equipes, vivendo com autonomia solidária; em busca de um sentido profundo para a vida, que o realize e que faça a humanidade viver melhor.

Nessa perspectiva, a filosofia cristã católica das Irmãs de Santa Catarina concebe o ser humano como merecedor de todo cuidado, dotado de potencialidades infinitas. Nessa filosofia cristã, católica, nascida dos valores do Evangelho, dá-se prioridade ao ser humano, em sua totalidade. Nele, Regina fundamenta sua obra e a essência de sua ação, acolhendo a todos, mas privilegiando os menos favorecidos da sociedade.

O Carisma de Regina, desde o século XVI, expressa essa verdade, na abrangência de sua contemplação/ação, quando se pôs a serviço dos irmãos, transpondo "as portas

da clausura". "Suas mãos não se cansaram em servir, seus pés galgaram 'montanhas' e seu coração amou apaixonadamente a todos". Foi, então, que as portas abriram-se largamente para receber meninas, dar-lhes instrução religiosa, ensiná-las a ler, a escrever, a calcular e outros princípios básicos. Suas companheiras saíram de seus conventos para se tornarem presença de amor junto aos excluídos.

Nossa Constituição, em seu artigo 57, reza: "Nossa missão apostólica concretiza-se em todo e qualquer trabalho: no servir aos irmãos nas áreas da saúde, da educação cristã e de outras formas de serviço social e de ação pastoral, atendendo às necessidades do tempo, do país, da Igreja e da região onde estamos inseridas (ISC, 2015).

OS ROTEIROS

Da teoria à prática, após a identificação do problema, os estudantes foram desafiados a escreverem os roteiros de seus curtas. As professoras de Língua Portuguesa orientaram e mediaram estes momentos em sala de aula. Durante as aulas de Ensino Religioso também foram oportunizados momentos de escrita e de planejamento dos roteiros.

A professora de Língua Portuguesa atribuía uma nota para o roteiro, e a entrega do mesmo era uma pontuação para a nota final do curta. Após a aprovação do roteiro, cada grupo precisou se organizar para realizar os ensaios e as filmagens, que em sua maioria, aconteceram no turno contrário no Colégio ou em ambiente familiar.

Sabe-se, ainda com base no nosso PPPP, que as exigências impostas ao ser humano e à sociedade pelo processo econômico e pelo decorrente apelo de desenvolvimento tecnológico determinam a necessidade de estender a ação educativa por todo o curso da vida, tornando a educação um processo permanente e continuado.

A conjuntura social, na qual todos estão imersos (envolvidos), amplia o papel e o significado da educação escolar, exigindo que a mesma opere em aberta e constante interação com a dinamicidade da vida. Nesse sentido, a escola promove a educação como processo contínuo de transmissão, construção e desenvolvimento de conhecimentos, culturas e valores, ao considerar que, apesar de todo o aparato que envolve a ação educativa, é nas relações humanas que reside a essência da formação das pessoas.

Nessa assertiva, educar é mais que reproduzir conhecimento; é, sobretudo, responder aos desafios da sociedade na busca da transformação.

// OS SUJEITOS QUE HOJE VÃO À ESCOLA CONSTITUEM UMA POPULAÇÃO ALTAMENTE DIVERSIFICADA, O QUE GERA A NECESSIDADE DE PRESTAR ATENÇÃO ÀS DIFERENTES MANEIRAS DE INTERPRETAR O MUNDO, O CONHECIMENTO E AS RELAÇÕES SOCIAIS. (MENEZES, 2006). //

Portanto, é preciso garantir um ensino e uma aprendizagem de qualidade

com conteúdos significativos, relacionados às reais necessidades da sociedade e, ao mesmo tempo, críticos, ou seja, que atinjam a raiz dos problemas, superem as aparências e, principalmente, abordem intencionalmente valores humanos fundamentais.

Por isso, para a captação das imagens dos curtas, os alunos preocupavam-se com detalhes, e usaram muita criatividade nas filmagens. Houve momentos nos quais o aluno não quis aparecer, e realizaram um curta com sombras ou até mesmo com história em quadrinhos.

Na próxima etapa, os estudantes precisaram se organizar de forma autônoma para realizar a edição dos curtas. Em alguns momentos, os laboratórios de informática do colégio também foram utilizados para isso. Nos grupos sempre tem aquele que se diz muito bom em edição, filmagem e legenda. Esse que fez a diferença no toque final de cada curta.

Na concepção de educação das instituições escolares da ACSC, a educação é vista como uma ação intencional, como intervenção pedagógica, sempre precedida por uma teoria, por uma construção conceitual, que serve como guia nos processos pessoais e interpessoais dos educadores e educandos.

A dinâmica curricular, centrada nas pessoas, tem sua eficácia garantida pela participação ativa e direta do educando, sujeito do seu próprio desenvolvimento. Educando e educador, juntos, procuram

por meio do diálogo a verdade que constrói a comunhão e a participação. Nessa perspectiva, o saber se constrói a partir do desafio, da problematização. A ação do próprio educando em cooperar com os demais é motivadora para o estudo, para a ação geradora de novas ações. Incentiva-se o desenvolvimento da consciência crítica, a mentalidade que questiona as ideias recebidas, o espírito de busca, de curiosidade, o desejo de compreender e o hábito de trabalhar cooperativamente.

AS SESSÕES DE EXIBIÇÃO

E o grande dia chegou. O resultado de todos os ensaios, debates, reflexões organizadas em um curta. No primeiro momento, cada turma assistiu apenas os seus vídeos, com o desafio de escolher aquele que representaria a turma na decisão final. Um momento de discussão, de valorização, de respeito aos olhares que promovem a vida. Como resultante dessa etapa, chegou-se ao total de 6 produções – 3 curtas do Ensino Fundamental e 3 curtas do Ensino Médio.

Em nossas instituições escolares, cumprem-se os preceitos institucionais e legais, com respaldo na proposta que objetiva a formação integral, na cidadania, na fraternidade e na justiça social.

Na ação educativa, pretendemos que o educando possa preparar-se para a vida profissional e formar-se no sentido ético e social, mobilizando todas as suas energias pessoais e recursos em favor do desenvolvimento global de sua personalidade. Nesse sentido, as instituições esco-

lares da ACSC embasam sua ação pedagógica em uma educação que (ISC, 2015):

- Seja entendida como processo dinâmico, continuado e entrelaçado com a vida;
- Promova a construção de conhecimentos, desenvolvimento de competências, habilidades e valores;
- Responda aos desafios da sociedade, promovendo a transformação e construção de uma sociedade sustentável, fundamentada na solidariedade e na justiça;
- Seja baseada na participação e no diálogo entre educandos e educadores;
- Prepare para a vida e desenvolva pessoas éticas, livres e responsáveis.

Após cada turma ter encerrado a votação e ter definido o vídeo vencedor, era chegado o momento coletivo: cada turma apresentando seu trabalho vencedor e apreciando os demais. Afinal, nos anos do Ensino Fundamental e segundas séries do Ensino Médio veriam suas produções juntos! Nesse dia, uma comissão julgadora composta por convidados da instituição escolheu apenas um vídeo do Ensino Fundamental e um vídeo do Ensino Médio.

O PROCESSO DE VOTAÇÃO PÚBLICA

Uma etapa estava ganha, se classificaram para representar o Colégio Santa Catarina na disputa do “Curta Políticas Públicas na Educação”. Agora vinha o segundo momento: ser um dos 10 cur-

tas mais votados. O júri escolheria três finalistas de cada categoria. E, a partir daí, cada turma se mobilizou para conseguir o maior número de visualizações e curtidas no site do projeto.

Isto está de acordo com o nosso perfil de educador (ISC, 2015):

- Conhecedor e atuante, capaz de trabalhar em equipe.
- Qualificado e comprometido com a sua atuação profissional.
- Capacitado para um efetivo trabalho de qualidade, valorizando a pessoa do educando e a sua realidade.
- Estudioso, crítico, proativo, pesquisador, reflexivo e em constante atualização.
- Profissional que fundamenta sua prática nos princípios e valores cristãos, através da pedagogia da presença, da simplicidade, do espírito de família, do amor ao trabalho. Que promova a educação integral sendo um formador autêntico de novas gerações. Profissional a serviço da vida, com autoridade, confiança e postura dialógica.

O mesmo vale quanto ao nosso perfil do educando (ISC, 2015):

- Agente de sua aprendizagem, pesquisador.
- Criativo, crítico, autônomo, solidário, ético.
- Capaz de identificar e solucionar problemas e de trabalhar em equipe.

- Apto a conviver com as mudanças, vendo nelas oportunidades de crescimento e de novas aprendizagens, utilizando eticamente competências, habilidades e valores.
- Guiado pelos valores, sem preconceitos e discriminações.

Assim, o processo de votação pública envolveu um momento de união da turma e das famílias que ultrapassou as expectativas com relação ao momento ocorrido no colégio. Foi muito bonito ver as redes sociais repletas, além dos alunos, pais e familiares pedindo para que curtissem o trabalho que o seu filho ou parente realizou e no qual estava concorrendo.

Veio o dia 17/10 e, junto com ele, saiu o resultado da comissão julgadora do concurso. Os curtas do Colégio Santa Catarina (Fundamental e Médio) estavam entre os três melhores. Bastava acessar o site <http://www.curtanaeducacao.org.br/noticias/103/concurso-cultural-de-curtas-2019-selecao-publica> e acompanhar a votação final. Com 6.130 votos, o curta GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA (link <http://www.curtanaeducacao.org.br/video/422/gravidez-na-adolescencia>) foi o grande vencedor e fora apresentado na audiência pública.

A AUDIÊNCIA PÚBLICA

A participação na audiência pública foi um momento mágico. Foram convidadas as duas turmas da escola que tiveram seus vídeos inscritos, juntamente com os professores de Ensino Religioso.

Os alunos estavam empolgados, pois nunca haviam participado de um momento como esse. A entrada no Plenarinho – Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, foi algo que muitos nunca tiveram oportunidade de vivenciar.

Orientadas pela ANEC, as ações educativas vinculadas às práticas sociais compõem em nosso colégio o rol de compromissos da educação formal. Por isso, o cotidiano escolar exerce um papel expressivo na formação cognitiva, afetiva, social, política, cultural, ecológica e espiritual dos educandos que passam parte de sua vida nesse ambiente pedagógico e educativo, capaz de torná-los protagonistas de sua história. Para Morin (2002), a escola tem como objetivo promover e incentivar a interação entre as diversas ciências, através da transdisciplinaridade, impulsionando de forma global a construção do conhecimento.

A escola que desejamos amplia a compreensão que temos de nós mesmos e do mundo; proporciona situações para formação de todos e produz um estado de reflexão constante para construir o saber; reformula e aperfeiçoa constantemente seus métodos e processos em um trabalho contínuo de redefinição dos conceitos, atualizando projetos reais e consistentes que possibilitem experiências significativas de aprendizagem, de argumentações, de autoconhecimento e ação na sociedade; desenvolve a consciência crítica, conduzindo-a à transformação do mundo, à integração dos chamados excluídos

possibilita, enfim, o exercício da cidadania, garantindo ao educando contato com a realidade, habilitando-o a ser protagonista de sua história.

Assim, cada aluno, por mais que o seu vídeo não tivesse ganho, estava feliz pelos colegas que chegaram até aquele momento. Nos sentimos muito honradas quando recebemos o convite de participar da composição da Mesa do Plenarinho, representando os professores e educadores.

Lá, foi possível falar do processo de realização e organização dos curtas, assim como lembrar que, pela segunda vez consecutiva, levávamos os trabalhos dos alunos do Colégio Santa Catarina para a final com direito a certificado e exibição na Audiência Pública.

Não há segredos para isto: o trabalho em conjunto e a união de todos fizeram o diferencial, pois apenas com o apoio dos colegas, da direção, supervisão, família e alunos é que conseguimos fazer um trabalho de credibilidade e qualidade.

Dessa forma, nossa concepção de escola das instituições escolares da ACSC, está respaldada no educando. Por isso, está focada no aprender, no ser, no fazer e no conviver na sociedade; uma escola que estimule a busca do belo, do bom, do necessário e do sustentável. As Instituições Escolares da ACSC fundamentam-se em uma concepção de escola que (ISC, 2015):

- promova a interação professor-aluno na construção ativa do conhecimento por meio do desenvolvimento de competências, habilidades e valores; uma, no processo de ensino e aprendizagem, a construção do conhecimento com o desenvolvimento das habilidades relacionais humanas;
- proporcione situações para formação de todos, provocando reflexão constante para construir o saber;
- incentive a interação entre as diversas ciências, através da transdisciplinaridade, impulsionando, de forma global, a construção do conhecimento;
- possibilite o exercício da cidadania, garantindo ao educando contato com a realidade, habilitando-o a ser protagonista de sua história.

Foi maravilhoso ver que, no momento do microfone aberto para os presentes na audiência, quatro (4) alunos do colégio usaram a oportunidade para comentar sobre o projeto e sobre toda a dinâmica de elaboração, um viva ao protagonismo juvenil e estudantil. Eles agradeceram pelo aprendizado que tiveram e assumiram a importância de valorizarem as políticas públicas, assim como a necessidade de acompanhá-las e averiguar o seu cumprimento ou não.

A audiência completa está à disposição para todos em <https://www.youtube.com/watch?v=nX5kRkfTMuM&t=2s> e <https://www.youtube.com/watch?v=ph37waSoJRQ>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi uma honra poder ter estado na audiência pública, representando os educadores e, em especial, o Colégio Santa Catarina de Novo Hamburgo. Mais honradas nos sentimos por podermos trabalhar em sala de aula a temática políticas públicas. Afinal, como conseguir fazer com que esta juventude pense sobre isso?

Por meio do termo Escola em Pastoral, foi possível traduzir um novo paradigma para as nossas instituições escolares. Isso refere-se à perspectiva de uma escola, pensada e operacionalizada, integrando a dimensão pedagógica, administrativa, financeira, educacional e pastoral. A dimensão pastoral, aqui, está relacionada a uma perspectiva de gestão cristã que combina as exigências de qualidade na entrega do serviço com as exigências de qualidade nas relações, embasadas na pedagogia do amor.

Uma Escola em Pastoral é uma instituição comprometida com o processo de humanização e de plenificação do ser humano, como protagonista da sua história e da história do mundo onde vive. Ela visa à promoção do exercício da cidadania, com base em valores de respeito, espiritualidade, honestidade, solidariedade, justiça, sensibilidade, fraternidade, amor, esperança e conhecimento.

O projeto não foi apenas “tocar ideias ao vento”; foi necessário reeducar o nosso olhar, de todos, professores, pais, alunos. Junto, percebemos a necessidade do ou-

tro. É a partir dessa educação do olhar que começa a surgir o novo jeito de fazer políticas públicas, não só para ver, emocionar, comover, mas com engajamento e empatia, colocando-se no lugar do outro e percebendo do que ele realmente necessita. Com essas reflexões, fomos trabalhando com os alunos a realização do “Curta Políticas Públicas”, mas isso não é de hoje. Já faz quatro anos que realizamos o projeto dentro da escola.

Começamos aos poucos e, desde o ano passado, o projeto passou a ser trabalhado mais especificamente com os nonos anos e com as segundas séries do Ensino Médio. A partir das experiências, resolvemos trazer o Projeto Curta na Educação como um projeto multidisciplinar, com outras disciplinas envolvendo-se na organização dos mesmos.

Isso pressupõe uma ação pedagógico-evangelizadora que contemplasse a ação pastoral com educadores, educandos e com todos que integram a rede das instituições escolares. Assim, buscou-se uma ação embasada na pedagogia da presença e do cuidado, criando um espaço humano, onde todos se sintam responsáveis pela criação de um mundo mais justo, solidário e sustentável.

Para a concretização da Escola em Pastoral, fez-se necessário articular fé, cultura e vida, através de projetos, metodologias e ações que perpassem todos os setores da comunidade educativa, despertando o sentimento de parceria e de correspon-

sabilidade. “Pastoral” advém de pastor: aquele que chama, reúne, aponta o caminho de novas possibilidades, cuida, anima, conduz, zela e guarda a vida dos seus.

Assim, a Pastoral Escolar é o empenho e a presença da Igreja em permear a instituição escolar com o espírito do Evangelho. Pretende dinamizar a evangelização, no sentido amplo e extensivo da instituição escolar, enquanto centro de educação cidadã e como instrumento de formação humana. É um modo de evangelização assumido por toda comunidade educativa, com valores humanos e cristãos.

Desse modo, o projeto com o tema “Políticas Públicas” foi pensado e organizado desde março, e mês a mês as disciplinas se juntaram ao engajamento de Ensino Religioso, a fim de fazermos uma importante reflexão com esses alunos para conhecerem os problemas do seu município.

Entretanto, apenas entender o que seria uma política pública e pesquisar as que já existem e funcionam não bastava. Era preciso ir além e encontrar aquelas que não são executadas. De posse desse conhecimento, começaram a elaboração do roteiro, as pesquisas, as saídas de campo, as apresentações aos colegas de sala de aula, a escolha com cada turma, o curta divulgado na escola, a banca julgadora e os representantes oficiais na audiência pública foram apenas passos seguidos.

O diferencial foi poder explicar as ideias, a maneira de ser e fazer política. Isso

não seria possível sem o engajamento da Pastoral Escolar, que auxiliou na escola, sem a coordenação da direção e da supervisão da escola, amparadas pelo PPPP. A ação pastoral contém a intenção explícita da visão, da missão e dos valores, estando entre as prioridades de quem atua na direção, na administração e finanças, na coordenação pedagógica, na orientação educacional, na pastoral escolar, na secretaria, na sala de aula, nos serviços de suporte e gerais.

É significativo entender que pastoral é prática, tendo uma iluminação teórica (Bíblia Sagrada, Documento de Aparecida, Educação, Igreja e Sociedade – Doc. 47 da CNBB) que fundamenta a identidade católica, de forma clara e de fácil acesso. Para isso, é necessário planejamento a fim de colocar em prática a essência de uma Escola em Pastoral confessional católica, acolhendo, também, as demais denominações religiosas. Todos os que integram as nossas Instituições Escolares recebem uma capacitação para que o envolvimento seja eficiente.

A Pastoral Escolar não se reduz à organização de eventos pontuais, às vezes desarticulados entre si. Neste sentido, promove um conjunto de ações que reflita um jeito de ser igreja nas instituições escolares, bem como cria condições e estratégias para contagiar cada membro de cada setor da instituição, para que os princípios cristãos e o carisma sejam assumidos e testemunhados, desde a cordialidade até o clima de respeito às diferenças. Tudo está permeado pelo

espírito que a pastoral delineou no seu projeto. Além disso, a Pastoral Escolar considera a dimensão transcendente, de modo equilibrado e ético, em tudo o que é realizado.

O ideal é que os educadores testemunhem a fé cristã de forma atual e unida à ciência. É preciso buscar novos caminhos que apontem para a educação transformadora, a formação da consciência crítica e o relacionamento humanizador, através da Pastoral Escolar. Nesse sentido, a pastoral ajuda na construção de uma educação de comunhão e participação em todos os níveis da Instituição escolar; colabora para que os educandos sejam iniciados na arte de pensar, criticar, questionar, criar, propor, escolher e viver.

Nossa gratidão também vai à ANEC, na pessoa do Harley Noro, que nos convidou para estarmos na mesa apresentadora para compartilhar um pouco do trabalho que realizamos no Colégio Santa Catarina com as demais escolas cristãs. Agradecemos aos colegas de trabalho, às coordenadoras da Pastoral Escolar do Santa Catarina à Irmã Osana Bin e à Isolde Müller, além da diretora, Irmã Veronice Weber.

Em especial, gratidão aos alunos que nos ensinam diariamente a ser e fazer sentido na vida do outro, às famílias, que reforçam a importância da política pública começar na maneira como educamos o nosso olhar. Que todos nós saibamos isto: somos a diferença na vida das pessoas, a diferença neste mundo, e devemos sempre acreditar e valorizar o amor, a fé, o outro.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BÍBLIA SAGRADA: antigo e novo testamento. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 14 fev. 2020.

CELAM - Conselho Episcopal Latino-Americano. **Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe**. São Paulo: CNBB, Paulus, Paulinas, 2007.

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Educação, Igreja e sociedade**. São Paulo: Paulinas, 1992. (Documentos da CNBB, 47).

ISC - Irmãs de Santa Catarina. **Projeto Político Pedagógico em Pastoral (PPPP)**.
Novo Hamburgo: Associação Congregação das Irmãs de Santa Catarina, 2015.

MENEZES, L. C. de. Para que serve a escola? **Pátio Revista Pedagógica**, ano X, n.
39, 2006.

MORIN, E. **A cabeça bem feita**. Repensar a reforma repensar o pensamento. 6. ed.
Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda., 2002.

ARTIGO

LINGUAGEM, VALORIZAÇÃO DA VIDA E ESPIRITUALIDADE

Melina Wasem e Edilaine Vieira Lopes

RESUMO

O artigo aborda o relato de um projeto desenvolvido no Colégio Santa Catarina (CSC), de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, sobre a importância da linguagem como forma de valorização da vida e desenvolvimento da espiritualidade. Motivados pelas discussões iniciadas a partir do tema das Campanhas da Fraternidade dos anos de 2019 e 2020, partiu-se do princípio educacional do CSC, comprometido com a proposta iniciada em 1571, pela bem-aventurada Regina Protmann, de educar crianças e jovens, ensinando-os a ler, escrever e calcular, formando cristãos para interagirem na comunidade eclesial e social. A base foi o Projeto Político Pedagógico Pastoral (PPPP), a partir de uma série de debates atuais promovidos pela comunidade escolar e pela sociedade com base na necessidade de observarmos a linguagem que nos cerca e a diferença que ela faz para diminuir a violência nas escolas e na vida das famílias e para melhorar a qualidade de vida. Assim, percebeu-se a reaproximação entre os docentes, os discentes e a equipe pedagógica e diretiva por meio da abordagem das manifestações políticas chilenas, do passado, presentes em contos literários. Colegas e familiares, por meio da humanização da escola, passaram a dar mais oportunidades para a paz, com ações simples, mas significativas, como os cuidados básicos com o que dizemos e escrevemos, a exemplo do Mestre Jesus Cristo.

PALAVRAS-CHAVE: Língua. Linguagem. Espiritualidade. Valorização da vida.

MELINA WASEM

Graduada em Letras. Especialista em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa. Mestre em Letras. Corretora de redações de vestibular, trabalhos de conclusão (TCCs), Monografias e Dissertações. Professora no Colégio Santa Catarina e na Instituição Evangélica de NH (IENH). Tem experiência em linguística e ensino, atuando principalmente no ensino da língua espanhola, na gramaticalização e nos estudos linguísticos

CONTATO: melinawasem@gmail.com

EDILAINE VIEIRA LOPES

Professora e Pesquisadora. Licenciada em Letras, Especialista em Educação à Distância, Mestre em Educação, Doutora em Letras e Pós-Doutora em Indústria Criativa. Membro do Conselho Editorial da Revista Pastoral da ANEC

CONTATO: edilaine.nh@gmail.com

TUDO É LINGUAGEM

Se repararmos com atenção à nossa vida, veremos o quanto a língua e as demais linguagens estão nela envolvidas. Ao acordarmos com o despertador do celular temos linguagem, ao cumprimentarmos o vizinho, ao sairmos de casa com um aceno ou com a palavra “oi”, temos língua e linguagem; ao dirigirmos o carro até o trabalho, vemos semáforos, placas de trânsito, luzes de carros, ou seja, linguagem por todo o lado.

Na escola, não é diferente. Apesar de darmos mais atenção à língua escrita, utilizamos a língua oral, bem como as demais linguagens, para ensinar e aprender, para ler, escrever, falar, planejar o futuro, contar sobre o passado, orar, pensar, enfim, para entender o mundo.

Assim, as instituições escolares da Congregação das Irmãs de Santa Catarina, diante da complexidade das mudanças da sociedade contemporânea, dos desafios e tendências da educação no século XXI, perceberam a necessidade de adentrar discussões sobre isso e, depois de longas horas de planejamento, estudo, aprofundamento, reflexão, pesquisas e elaborações, reformularam e atualizaram o seu Projeto Político Pedagógico (PPP), orientadas por uma assessoria externa, que conduziu todo o processo de reformulação desde 2010, junto com pais, alunos, professores, gestores e equipe diretiva composta pelo Conselho das Irmãs.

Visando corroborar com os debates acerca da linguagem, constituiu-se um grupo de estudos e trabalho formado por lideranças pedagógicas, administrativas e de pastoral das cinco instituições que dinamizaram o processo de formação dos colaboradores, o estudo, a avaliação e a reformulação do PPP. Durante o desenvolvimento do processo, definiu-se a inclusão da dimensão Pastoral no PPP, passando a denominar-se Projeto Político Pedagógico Pastoral – PPPP.

O Projeto Político Pedagógico Pastoral traz fortemente o tema educação e pastoral, pois são assertivas que se concretizam por e entre seres humanos. Educação, espiritualidade e pastoral coexistem na essência humana. Por isso, o PPPP, juntamente com o Regimento Escolar, torna-se lei, norma e força para uma educação de qualidade.

O efeito cascata depois disso foi inevitável. Uma vez que os professores discutiram sobre o assunto, os alunos também acabaram sendo envolvidos. No entanto, eles não costumam perceber a importância da linguagem, o poder da palavra, apesar de a utilizarem a todo o momento e desde que nasceram. Nesse sentido, este trabalho apresenta o conceito de um projeto de leitura desenvolvido com alunos do Ensino Médio em uma escola cristã católica da região metropolitana de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, a fim de sensibilizar os educandos para a importância da língua e da linguagem, abordando a sua rela-

ção com a espiritualidade e com a valorização da vida.

O projeto se deu especialmente nas aulas de língua espanhola, com três turmas de 2ª série do Ensino Médio, e partiu do conto *Dos Palabras*, da autora chilena Isabel Allende (2007), tendo como objetivo contribuir para o desenvolvimento da compreensão que os alunos têm a respeito da importância da linguagem. Os objetivos específicos eram analisar o conto *Dos Palabras*, verificando como ele contribuía para a compreensão do contexto dos leitores, entendendo como a narrativa denunciava os processos de instauração da própria linguagem, isto é, o seu poder de atuar, explorar o contexto apresentado no texto – a guerra civil chilena –, refletir sobre o que o ler e o escrever propiciaram na vida de cada estudante e o que ainda poderia propiciar.

A VALORIZAÇÃO DA VIDA E A ESPIRITUALIDADE

Buscando expressar o pensamento, contar sobre momentos do passado, externar planos futuros, dar instruções, pedir, questionar, entre muitas outras ações do dia a dia, o ser humano utiliza-se da linguagem. Para Fronkim e Rodman (1993, p. 35),

// *A POSSE DA LINGUAGEM, MAIS DO QUE QUALQUER OUTRO ATRIBUTO, DISTINGUE OS SERES HUMANOS DOS ANIMAIS. PARA COMPREENDERMOS A NOSSA HUMANIDADE TEREMOS DE COMPREENDER A LINGUAGEM QUE NOS TORNA HUMANOS.* **//**

Essa ação intencional define identidade, missão, prioridades, princípios, valores, metas, perspectivas e prospecções que são referências para o trabalho educativo. Logo, embasamos o projeto no PPPP, um documento político e legal que considera a instituição escolar um espaço de formação de cidadãos conscientes, criativos e críticos, atuantes de modo individual e coletivo na sociedade. Além disso, por ser um acordo coletivo, articula-se ao compromisso sociopolítico e aos interesses reais da população.

Esse documento organiza a dimensão pedagógica e efetiva a intencionalidade da instituição. É também um instrumento de planejamento, acompanhamento e avaliação. Indica a direção, o norte e os rumos da instituição. É um processo inclusivo, em direção a uma finalidade que permanece como horizonte. Além de ser um recurso teórico metodológico, ajuda a enfrentar os desafios cotidianos, reflexiva, consciente, sistematizada, orgânica, científica e, essencialmente, de maneira participativa. É, portanto, mais uma prova de que a linguagem é fundamental em nossas vidas.

Segundo Hall (*apud* SANTI; SANTI, 2008, p. 2).

// *A LINGUAGEM ATRIBUI SENTIDO (...) E OS SIGNIFICADOS SÓ PODEM SER PARTILHADOS PELO ACESSO COMUM À LINGUAGEM, QUE FUNCIONA COMO UM SISTEMA DE REPRESENTAÇÃO.* **//**

Visto assim, entendemos que a linguagem permite que o homem represente o

que está vendo, sentindo e pensando.

Quando se fala de linguagem, é possível referenciar Bernardo (2010), explicando que a “natureza” (oceanos, flores, animais...) e os fenômenos (frio, dores, alegria...) existem exatamente porque são palavras, e que a relação entre esses fenômenos e o homem é real, porque forma frases. Entendemos, pois, que o homem instaura a realidade através da palavra.

Cabe lembrar-se de que existe a linguagem verbal e a não verbal. A verbal vale-se da palavra, sendo ela oral ou escrita. Já a não verbal utiliza o gesto, a nota musical, o movimento, a imagem, como vemos na pintura, na música, na dança, no Código Morse (CEREJA; VIANNA, 2018). Tudo isso está de acordo com a missão da escola, que é promover e consolidar a educação como processo de crescimento humano-cristão e profissional, tendo como base os Valores Evangélicos, a Ciência e a Tecnologia para interagir com competência, sustentabilidade e responsabilidade social. Além disso, pode-se citar a visão, que é ser referência em educação, com princípios e valores cristãos.

Quanto aos valores, menciona-se o conhecimento científico e tecnológico, o diálogo educativo, a escola em pastoral, a ética, a excelência do e no saber, a fé e a espiritualidade no crer e no agir, o respeito à diversidade, a solidariedade,

a responsabilidade e a sustentabilidade. Lembrando que o diálogo acerca da linguagem foi definitivo para a Bem-aventurada Regina Protmann¹.

A literatura, assim, poderia entrar como outra forma de dar continuidade ao estudo da linguagem, sobretudo a verbal. Através das palavras, o leitor entra no mundo das narrativas, se conecta com os seres de papel e, através dos enredos verossímeis, entende a si próprio e o mundo. Saraiva (2000) considera que a ficção literária ajuda o indivíduo a responder as suas inquietações diante da realidade por apresentar situações que a experiência cotidiana pouco expõe, ou expõe de forma confusa.

Percebe-se, portanto, a importância da literatura, que se concretiza na linguagem. Sendo assim, entendemos a necessidade de se trabalhar a literatura na escola e, através dela, despertar discussões sobre vários assuntos como, por exemplo, a importância da linguagem.

Nesse contexto, surgiu o projeto de leitura **A linguagem que serve para viver** que buscou despertar a importância da linguagem na vida humana com alunos de 2ª série do Ensino Médio. Além disso, como objetivos específicos, procurou-se ler e interpretar um conto, verificar como ele institui a realidade ficcional através da metalinguagem, fazer a lei-

1 Nascida em 1552, em Braniewo, Polônia. A bela jovem decidiu deixar o conforto do seu lar para doar-se em prol dos enfermos. Preocupada com a educação, sobretudo das jovens, fundou a Congregação das Irmãs de Santa Catarina. Morreu em 18/01/1613 e foi beatificada pelo Papa em 13/06/1999.

tura de textos verbais e não verbais, promover a intertextualidade de textos metalinguísticos, conscientizar os alunos sobre o ler e o escrever.

Tais princípios educacionais das instituições escolares mantidas pela Associação Congregação de Santa Catarina são comprometidos com a proposta iniciada em 1571, pela Bem-aventurada Regina Protmann: educar crianças e jovens, ensinando-os a “ler, escrever e calcular”, tornando Jesus Cristo conhecido e amado, formando cristãos para interagirem na comunidade eclesial e social (ISC, 2015).

O fundamento das instituições escolares é Jesus Cristo, imagem e semelhança de Deus em sua expressão humana. Ele, na sua missão evangelizadora, aponta para os valores e ensinamentos “do Caminho, da Verdade e da Vida” (João 14:6). De acordo com a fé cristã e os valores a serem promovidos na compreensão da instituição escolar católica e na prática da pastoral, incluem-se: amor, respeito, compaixão, cooperação, ternura, amizade, tolerância, alteridade, fraternidade, reconciliação e justiça.

O cuidado pastoral dos educandos passa pelo uso da palavra, no âmbito dessa política, referindo-se aos diversos aspectos da vida escolar, especialmente à visão da instituição escolar, sua missão, políticas, procedimentos, programas de ensino, currículo de aprendizagem, atividades estudantis, apoio ao educando, processos de gestão do conhecimento e do comportamento, envolvimento da

família, parcerias com a comunidade e ambiente escolar.

As ações desenvolvidas na instituição, por seus líderes e membros, promovem e melhoram o bem-estar do educando nos aspectos pessoal, social, físico, emocional, espiritual e intelectual. Os elementos-chave são: positiva autoestima, respeito pelos outros, relacionamento construtivo, conhecimento, comportamento responsável e resiliência pessoal. Nessa assertiva, o projeto seguiu os seguintes passos:

1. Leitura e exploração do conto Dos

Palabras. A primeira etapa foi a leitura do conto da autora chilena Isabel Allende (2007). Os alunos fizeram a leitura em casa e, posteriormente, na aula, lemos novamente, em grupo, e fomos discutindo cada parte da narrativa.

2. Exploração das questões metalinguísticas e metaficcionalis do conto e de outras obras.

Esse conto traz a história de Belisa Crepusculario, uma moça que precisa sair de sua região em busca de alimento e água. Para sobreviver, ela começa a vender palavras, pois percebe que estão soltas pelo mundo, e podem ser usadas como se desejar (ALLENDE, 2007). Dessa forma, o conto se torna metalinguístico, pois faz perceber a importância das palavras e como elas instauram a realidade no mundo. Por isso, nesse momento do projeto, os alunos fizeram essa reflexão e buscaram outros textos – como poemas, tirinhas, obras de arte – para explorar

a reflexão metalinguística e metaficcional estabelecida.

3. Reflexão sobre as diferentes linguagens na vida humana.

Nesse ponto, fizemos a reflexão sobre as linguagens verbal e não verbal que auxilia o ser humano a organizar e a entender o mundo. Foram explorados literatura, arte, música, sinais de trânsito, gestos, luzes, enfim, várias linguagens e o poder que elas têm.

4. Aspectos da guerra civil no Chile – nas aulas de história.

A professora de história se encarregou de explorar com os alunos os aspectos da guerra civil no Chile, que serve de pano de fundo no conto *Dos Palabras*. Além disso, os educandos foram provocados a pesquisar em jornais da internet a situação atual no Chile, que, em 2019, mostrava-se muito envolvido com problemas econômicos e seguidas reivindicações, em forma de protestos, que aconteciam no país de Allende.

5. Pesquisa e apresentação em grupos.

Em seguida, os alunos, reunidos em grupos, pesquisaram sobre a linguagem, a língua espanhola no mundo, a metalinguagem, a autora Isabel Allende. Logo, fizemos um seminário e discutimos cada pesquisa.

6. Adaptação do conto para o teatro.

Os alunos tiveram o desafio de transferir o conto para o gênero teatro, ensaiar e apresentar. Assim, deram forma e vida à narrativa lida.

7. Performance e apresentação dos textos trabalhados para convidados do Ensino Médio.

Com todo o material pesquisado – textos metalinguísticos, as diferentes linguagens, a língua espanhola no mundo, a autora Isabel Allende e o teatro – os participantes do projeto fizeram a performance dos textos para os demais alunos do Ensino Médio, provocando nelas as mesmas reflexões outrora feitas em sala de aula e contagiando-os a lerem o conto e outras obras literárias.

8. Visita ao museu da pessoa (museu virtual) e publicação de textos sobre a reflexão da linguagem, do ler e escrever na vida de cada aluno.

Para encerrar o projeto, a professora de língua portuguesa convidou os alunos para refletirem sobre o processo de aprendizagem da alfabetização, como foram os primeiros contatos com as palavras e com os livros. A reflexão também deveria ser sobre o que a palavra possibilitou na vida de cada um e o que ela ainda possibilitará. Assim que os textos foram lidos, compartilhamos no Museu Virtual da Pessoa para que o mundo inteiro tenha acesso a essas reflexões. Nesse sentido, isso corroborou com o processo educacional das instituições escolares, caracterizado por meio da espiritualidade, que constrói o modo como compreendemos o mundo, a natureza, as pessoas e Deus; a espiritualidade é a força propulsora de nossa vida, especialmente por estar fundamentada no

Evangelho e ser inspirada em Santa Catarina e na Bem-aventurada Regina Protmann.

Pode-se mencionar alguns preceitos de Luiz de Campos Júnior (2009), afirmando que o conhecimento como excelência do e no saber, que se expressa nas boas práticas pedagógicas, na transdisciplinaridade, no currículo aberto, no aprender a conhecer, fazer, conviver e ser na educação continuada, como formas concretas de aplicarmos e vivenciarmos o conhecimento. A solidariedade também é uma condição primordial para a realização do trabalho educativo que se desenvolve plenamente, se considerar e incluir “o eu e o outro” nas diversas relações entre todos os atores envolvidos: comunidade educadora, docência compartilhada e gestão.

Assim, a instituição escolar, como um centro integrador e irradiador do saber e do esforço social, valoriza a aprendizagem e as boas práticas pedagógicas internas e externas. Quanto à integralidade, a educação contempla a humanidade dos educandos e dos educadores em sua totalidade, sendo coerente com a indivisibilidade das dimensões biopsicossocial e espiritual de cada pessoa. A educação é processo intencional, contínuo e transformador, que leva à integralidade e repercute durante toda a vida.

Sobre a presença significativa de Jesus como centro, esse fator promove a aproximação das pessoas pela inculturação das realidades, através do cultivo

dos laços de cuidado e ternura, a fim de construir uma sólida relação de confiança, marcada por uma presença atenta e acolhedora. Conforme as Irmãs de Santa Catarina (ISC, 2015), a comunidade educadora (família e escola) permite valorizar e construir as ações coletivas, pela autonomia responsável, flexibilidade, ajuda mútua, acolhida e perdão.

Por isso, o projeto desenvolvido com base no PPPP aconteceu durante seis meses, foram cerca de vinte períodos dedicados a ele, com quarenta e oito alunos envolvidos diretamente e um público assistente de cerca de cento e trinta pessoas. Além de refletir sobre as diferentes linguagens que circundam o ser humano e como elas organizam o mundo, o mais importante foi ver os alunos descobrindo as suas histórias de vida e como foi o processo de aprender a ler e a escrever.

A realidade na nossa escola indica que a educação oportuniza a melhoria objetiva da realidade na qual ela ocorre, contribuindo para o desenvolvimento local, concretizando a extensão comunitária. Essa contextualização, integrada à vida dos educandos e de suas comunidades, abre para a reflexão, troca de experiências e conhecimentos, através de práticas que permitem a ampla participação de educandos, educadores, famílias e comunidade escolar. Além disso, promove liberdade, autonomia, respeito, responsabilidade, equidade e protagonismo juvenil. Projetos que incentivem a leitura, a análise e a crítica li-

terária incitam à sustentabilidade, como o princípio reorientador da educação no modelo de civilização sustentável, que implica nas mudanças das estruturas econômicas, sociais, culturais e científicas. A consciência ecológica mobiliza a educação sustentável e desenvolve a ética ambiental.

Explorar a linguagem seria uma forma de utilizar a tecnologia como meio de avançar no conhecimento e nas relações, através da utilização do universo virtual e tecnológico, conduzindo os educadores e educandos para uma prática saudável, consciente e ética, ultrapassando as fronteiras de tempo e de espaço, acessando o micro e o macro mundo interativo. Partindo dos princípios educacionais acima descritos, desenvolvemos um projeto que se une ao processo pedagógico pastoral, visando à educação integral, articulando os valores humanos, científicos e tecnológicos, o exercício da cidadania e da fé cristã.

OUTRAS CONEXÕES

Com esse projeto, os docentes e a equipe diretiva perceberam que, além de trazer a discussão sobre a linguagem, houve reflexões coletivas com os alunos e as turmas puderam concluir que as revoltas e o período político vivido na época retratada no Chile também já ocorreram no Brasil. Em tempos de reflexão, precisamos estar preparados para nos unirmos não só para manifestações políticas, mas em oração, em prece.

As reflexões propostas em sala de aula com esse projeto estavam de acordo com o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932, a questão primordial da finalidade da educação gira em torno de “uma concepção de vida, de um ideal...” (AZEVEDO et al., 2010). Ademais, a educação é um direito público e subjetivo garantido pela Constituição Federal de 1988. O art. 205 diz que é “direito de todos e dever do Estado e da família, sendo promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (BRASIL, 1988, s/p).

Fundamentada na Constituição Federal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) ratifica que a educação, inspirada em seus princípios, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. A regulamentação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional está expressa em atos normativos complementares, exarados pelo Conselho Nacional de Educação e homologados pelo Ministério da Educação. Assim, as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (BRASIL, 2013). reforçam os princípios e as finalidades da educação brasileira para assegurar a formação básica comum nacional, tendo como foco os sujeitos que dão vida ao currículo e a instituição escolar, visto que passamos por momentos de reflexão em meio às

discussões sobre a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018).

Assim, teve-se como referência os objetivos constitucionais e, fundamentando-se na cidadania e na dignidade da pessoa, as Diretrizes Curriculares Nacionais específicas para as etapas e modalidades da Educação Básica “devem evidenciar seu papel de indicador de opções políticas, sociais, culturais, educacionais e a função da educação, na sua relação com o projeto de Nação (BRASIL, 2013, p. 63). Nunca ficou tão evidente o poder que as palavras têm, para unir, curar, ligar. O próprio Papa Francisco (2015) tem clamado pela ajuda do povo, que deve se unir em oração pelo planeta, pois a maior revolução que deve ocorrer é a que está dentro de nós, mas para isso precisamos dos outros. A literatura, a arte, as línguas e a linguagem nos ajudam a compreender a história e a valorizarmos a vida.

Logo, a Associação Congregação de Santa Catarina, em seu estatuto social, tem por finalidade, no art. 2º, alínea b, “promover o ensino e a educação”; e, na alínea e, “promover a cultura e esporte” (ISC, 2015). Respeitando a legislação, a ACSC orienta suas mantidas e constrói, com a comunidade escolar e local, o Projeto Político Pedagógico Pastoral, inspirado no carisma de sua fundadora, a Bem-aventurada Regina Protmann, e fundamentado nos princípios do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, exercendo sua autonomia na gestão democrática.

Por isso, sabe-se que a inclusão efetiva do ser humano no mundo social como sujeito do processo histórico da sociedade, com base no círculo de Bakhtin (2007), e o harmonioso desenvolvimento de todas as dimensões: espiritual, humana, intelectual, afetiva, social, moral, cívica, artística, profissional, físico-biológica são metas a serem buscadas no processo de humanização. Para tanto, os diferentes níveis e modalidades de ensino trazem consigo finalidades específicas. Sabe-se que a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem por finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Depois, no Ensino Fundamental, é dada a sequência e o aprimoramento desses estudos e, por fim, no Ensino Médio, etapa de aplicação do projeto, são revistos os tópicos para, além da revisão e da fixação dos conteúdos, o aluno concluir que desenvolveu as habilidades e competências de identificar os problemas no mundo e resolvê-los.

A base para isso é a espiritualidade, que nos move e nos une, fazendo com que possamos acreditar mesmo em meio às guerras e pandemias que somos um só em Cristo, habitando em nossa Casa Comum. Afinal, parafraseando Anselm Grün (PORCIUNCULA, 2016), espiritualidade e saúde envolvem reconciliação consigo mesmo, o primeiro passo para a

paz. Não adianta exigir que o aluno entenda a manifestação ocorrida historicamente no Chile, se não o orientarmos a observar as divisões e manifestações que ocorrem dentro de nós. Precisamos nos libertar das ilusões, dos pensamentos equivocados sobre nós mesmos, do descaso, dos traumas, das situações de violência e das feridas espirituais para deixarmos a situação de vítima. Tudo isso pelo perdão.

Urge, portanto, despertar nas escolas católicas e em todos os educandários o olhar para o outro, para o mundo e, conseqüentemente, para si. Na Educação Básica, a preparação do educando para as exigências sociais e o desenvolvimento pessoal pressupõe o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo, a compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade. Além disso, prima-se pela aquisição de conhecimentos, habilidades e formação de atitudes e valores. A garantia de um padrão de qualidade confere ao Ensino Fundamental as bases necessárias para o educando prosseguir seus estudos.

Já no Ensino Médio, etapa final da Educação Básica, busca-se a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental com vistas ao prosseguimento de estudos. A preparação para o trabalho, a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, bem como a compreensão dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática em uma visão interdisciplinar, consolidam a formação básica, preparando para a Educação Profissional, desenvolvida em articulação com o ensino regular ou posterior a ele, conduz ao permanente desenvolvimento de aptidões para a vida produtiva.

Desde a sua fundação, a Associação Congregação de Santa Catarina empenha-se na construção de um projeto educacional de qualidade para todos. Tem-se a finalidade de promover educação para a mudança e transformação social, respeitando o aspecto socioambiental e a dignidade do ser humano. Nessa perspectiva, a intervenção pedagógica fundamentada na proposta educacional da Associação, ressignifica a vida do sujeito e a inspiração ético-cristã, atentando para as razões do fazer pedagógico em todas as instituições.

REFERÊNCIAS

ALLENDE, I. **Los Cuentos de Eva Luna**. Buenos Aires: Editorial Palabras, Taller Literario, 2007. Disponível em: https://taller-palabras.com/Datos/Cuentos_Bibliotec/ebooks/Isabel%20Allende%20-%20Los%20cuentos%20de%20Eva%20Luna.pdf. Acesso em: 5 fev. 2020.

PORCIUNCULA, B. Reconciliar-se consigo é o primeiro passo para a paz, diz monge

beneditino. **GaúchaZH**, 29 ago. 2016. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/vida/noticia/2016/08/reconciliar-se-consigo-e-o-primeiro-passo-para-a-paz-diz-monge-beneditino-7349252.html>. Acesso em: 22 fev. 2020.

AZEVEDO, F. *et al.* **Manifestos dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores 1959**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

BAKHTIN, M. Os Gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da Criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BERNARDO, G. **O livro da Metaficção**. Rio de Janeiro: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

BÍBLIA SAGRADA: antigo e novo testamento. Rio de Janeiro: King Cross Publicações, 2008.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 fev. 2020.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 10 fev. 2020.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 14 fev. 2020.

CEREJA, W.; VIANNA, C. A. D. **Português: linguagens 8º ano**. 9. ed. São Paulo: Atual Editora, 2018.

FROMKIN, V.; RODMAN, R. **Introdução à linguística**. Coimbra: Edições Almedina, 1993.

FRANCISCO, P. **Laudato Si'**: sobre o cuidado da Casa Comum. Roma, 24 maio 2015. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si.html. Acesso em: 7 fev. 2020.

ISC - Irmãs de Santa Catarina. Projeto Político Pedagógico em Pastoral (PPPP). Novo Hamburgo: Associação Congregação das Irmãs de Santa Catarina, 2015.

SANTI, H. C.; SANTI, V. J. C. Stuart Hall e o trabalho das representações. **Revista Anagrama** – Revista Interdisciplinar da Graduação, ano 2, n. 1, p. 1-12, set./nov. 2008.

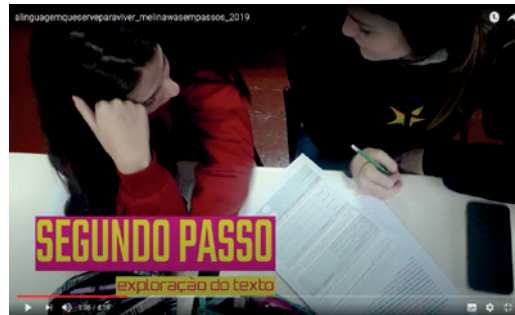
SARAIVA, J. A. Aspectos composicionais da narrativa. In: SARAIVA, J. A. **Literatura e alfabetização**. Porto Alegre. Artmed, 2000.

ALGUMAS IMAGENS



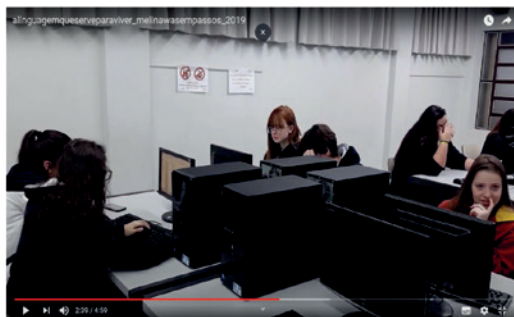
Aluna explica passos do projeto

Fonte: <https://youtu.be/1ejvn-QWtFw>



Alunos interagem a partir da leitura

Fonte: <https://youtu.be/1ejvn-QWtFw>



Alunos realizam pesquisas interdisciplinares

Fonte: <https://youtu.be/1ejvn-QWtFw>



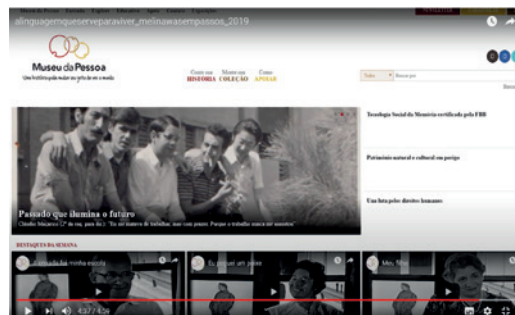
Alunos apresentam dramatizações com contextualização histórica

Fonte: <https://youtu.be/1ejvn-QWtFw>



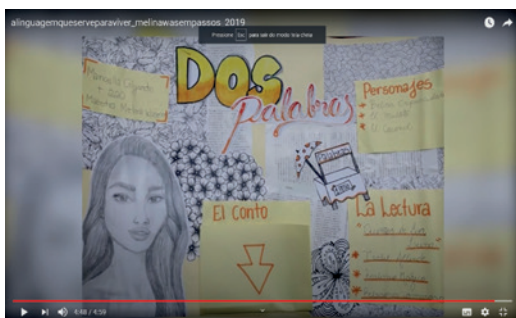
Alunos dão vida ao conto

Fonte: <https://youtu.be/1ejvn-QWtFw>



Acesso ao Museu da Pessoa

<https://www.museudapessoa.org/pt/home>



Exposição dos cartazes feitos pelas turmas

Fonte: <https://youtu.be/1ejvn-QWtFw>



O projeto é divulgado no site da RBS TV/RS para votação e compartilhamento

Fonte: <http://premiorsdeeducacao.com.br/>



Professora Melina é premiada no Prêmio RBS/RS

Fonte: Acervo Pessoal / Melina Wasem (2019).

ARTIGO

O REENCONTRO COM O NÚCLEO DE NOSSA VIDA A PARTIR DO PROFETA ELIAS - 1 Reis 17-21¹

Nilson Izaias Pegorini

RESUMO

O presente texto tem a finalidade de refletir o atual momento o qual vivemos sob condições adversas pela pandemia do coronavírus, mas também em um contexto de outras crises em relação à ética, aos valores universais, além da crise ambiental que ameaça a nossa casa comum, o planeta Terra. Para trazer alguma luz, critérios de discernimento e fundamentação de fé, recorri ao Profeta Elias nos textos de 1Rs 17 a 21. Elias é uma boa representação do ser humano de grande fé em Deus, de fidelidade e disponibilidade a essa fé e seguimento, mas ao mesmo tempo na fragilidade, às vezes com radicalismos e avaliação de si além do que convém, mas que é capaz de reconhecer seu erro, aprender sempre de novo e seguir adiante.

PALAVRAS-CHAVE: Fé. Disponibilidade. Radicalidade. Humildade. Conversão.

NILSON IZAIAS PEGORINI

Graduação em Filosofia pela Universidade Católica do Paraná e Teologia, pelo Studium Theologicum, de Curitiba/PR, com especialização em Sagrada Escritura pela Universidade Metodista de São Bernardo do Campo/SP

CONTATO: nilson.pegorini@bomjesus.br

A reflexão, a partir do Profeta Elias, visa auxiliar nossas posturas em tempos de crise como essa que estamos vivendo com a pandemia do coronavírus. Claro que essa não é uma crise isolada de tantas outras que envolve a humanidade no atual momento. Vivemos uma crise colossal em relação à vida do planeta Terra e a sobrevivência de seus habitantes nessa Casa Comum, em meio a conflitos de interesses econômicos. Vivemos uma crise de sensibilidade em relação à vida, ao próximo e aos demais seres animais, vegetais e minerais. Vivemos ainda uma profunda crise ética em relação aos valores universais inalienáveis.

Nesse contexto de crise vivemos em meio a todo tipo de polarizações: grupos, tendências, partidos se digladiam em diferentes âmbitos (locais, nacionais e internacionais). Pessoas, grupos, instituições sentem-se confusas; tomam partidos, posições, atitudes, seguindo determinado grupo ou determinada tendência. Nem sempre se perguntam pelos fundamentos de valores ou de fé. E quantas vezes, em nome de uma fé ingênua ou distorcida, pensam estar seguindo, por exemplo, a Igreja ou Jesus Cristo, e, na verdade, aquela postura é contraditória aos verdadeiros princípios cristãos.

O mesmo acontecia no tempo do Profeta Elias, em torno do ano 850 a.C., na região da Samaria, Reino do Norte. Vamos, então, nos situar primeiro.

Elias é herdeiro da revelação do Deus Javé, que viu o sofrimento do povo he-

breu que vivia sob a escravidão do Faraó do Egito, ouviu o seu clamor e foi ao seu encontro para libertá-lo e conduzi-lo para uma terra de liberdade e vida plena. Revela-se a Moisés e o envia para liderar um processo de libertação e vivência de um projeto de sociedade alternativa, totalmente diferente daquele modelo do Egito. Após todo enfrentamento e fuga do Egito, relatados nos primeiros quinze capítulos do livro do Êxodo, Moisés conduz aquele grupo de escravos libertos para experimentar a liberdade, que não conheciam, no deserto de Madiã, com o apoio dos madianitas e quenitas que lá viviam outro sistema de sociedade.

Sob os Mandamentos de Javé, essa comunidade ensaia ali no deserto um modelo de sociedade alternativa que tem como fundamento a fé em Javé, único Deus, e como contrapartida a prática da justiça. Aprendem e praticam leis para a defesa da vida, a produção autônoma e de partilha (Ex 16), a descentralização do poder (Ex 18), o descanso sabático com celebrações e memória da sua história; o aprendizado de técnicas de agricultura e defesa, e outros. Foi um tempo prolongado e necessário, um longo retiro que o tornou capaz de prosseguir para a ocupação da terra que Javé lhe havia prometido.

Depois, sob a liderança de Josué, essa comunidade ocupa terras da Palestina, nas montanhas, próximas às Cidades-Estados comandadas por Reis de Canaã, e ali se organizam no sistema tri-

bal, tendo como líder um juiz, formando a Confederação das Tribos de Israel; uma sociedade que designamos como fraterna e igualitária. Sociedade formada não por laços de sangue ou etnia, mas por afinidade num projeto de vida plena, reunindo pessoas, grupos, categorias de diferentes origens, todas marginalizadas, mas unidas pela fé em Javé no projeto da sua aliança.

Nessa dinâmica essa sociedade perdura por duzentos anos, entre os anos 1250 a 1050 a.C., e por razões de ameaças externas e conflitos internos entra em crise, decadência, dando lugar à formação da Monarquia de Israel. Ao pedir um rei, a comunidade foi alertada de que poderia “voltar ao Egito” ou reviver o sistema do Faraó na própria terra (1Sm 8). E surgem, então, os reis e a monarquia se instala, primeiro com Saul, depois com Davi e depois, Salomão. Aos poucos as tradições e práticas da fé em Javé vão se distanciando no cotidiano da vida do povo, o poder do rei aumenta e novas estruturas vão sendo criadas. Com Salomão o Egito passa a morar em casa, ou seja, a monarquia segue o mesmo modelo do Faraó e o povo deixa de ser propriedade de Javé e passa a ser propriedade do rei. Com a sucessão de Salomão, em torno do ano 930 a.C., o Reino se divide em Reino do Sul, com capital em Jerusalém, e Reino do Norte, com capital em Samaria.

Em 850 a.C., no tempo de Elias, o Reino do Norte, sob a condução do Rei Amri e depois do seu filho Acab, vivia um ace-

lerado progresso econômico às custas de intensa opressão e expropriação do trabalho dos camponeses. O Rei Acab casou-se com uma princesa da Fenícia e adotou costumes, religiões e sistema de administração e burocrático daquele povo. Como o rei não podia invocar Javé para legitimar sua política e seus interesses econômicos, porque a fé javista contrariava todo o seu projeto, então Acab invoca os deuses Baal, Aserá e Astarte. Baal era tido ou invocado como o deus da fertilidade e da chuva. Aserá e Astarte eram como que suas consortes, também deusas da fertilidade. Acab constrói um templo para Baal e financia seus profetas, quatrocentos de Baal e quatrocentos e cinquenta de Aserá e Astarte, que comiam na mesa de Jezabel, esposa de Acab. As avaliações desses reis e de Jezabel são as piores possíveis (1Rs 16,29-34; 21,25-26; 22,52-54).

O povo, apesar de sua forte tradição do êxodo e de ter resistido ao avanço da monarquia, aos poucos foi se distanciando do projeto de Javé e, influenciado pela propaganda palaciana, por sua ideologia e religião, vai aderindo e ficando confuso.

Então Javé chama Elias para ajudar o povo a refazer a memória do passado, lembrar os seus feitos, lutar contra a Monarquia e seus ídolos e refazer a aliança. Segundo relato de do 1º Livro dos Reis, capítulo 17, Javé chama Elias a anunciar uma seca que duraria três anos, igual fez Moisés que anunciou as pragas ao Faraó do Egito. Então Javé

dá ordens para que Elias fuja de Galaad, onde o Rei Acab vivia e praticava todas as suas iniquidades, e se escondesse às margens do córrego de Karit, próximo do Jordão, por onde o povo ingressara na terra prometida. Ali ele beberia água do riacho e seria alimentado com pão e carne, que os corvos lhe levariam. Como aconteceu a Moisés e seu grupo, que fugiu para o deserto, onde foi alimentado por Deus, com maná e codornizes, e bebeu água do rochedo. Elias obedece às ordens de Javé, refaz a caminhada do povo, revive a história do passado, inicia a volta às fontes da fé e retoma o caminho do reencontro com Javé.

Passado algum tempo o córrego secou e Javé dá novas ordens a Elias: ir mais distante, a Serepta, região da Sidônia, terra estrangeira, ao encontro de uma viúva que vivia naquele vilarejo e hospedar-se na casa dela. Elias só obedece e vai. Ao chegar vê uma viúva que ajunta lenha com seu filho. Elias lhe pede água e em seguida pão. A viúva diz a Elias que só tem um restinho de farinha e óleo e que irá fazer o último pão e aguardar a morte. Era a situação de seca e calamidade que se abatia sobre todo o povo como castigo de Javé pelo distanciamento e infidelidade ao seu projeto. Elias tranquiliza a senhora dizendo que Javé prometera que sua vasilha de farinha e óleo não secaria enquanto perdesse a seca, como de fato aconteceu.

Essa viúva é o retrato do povo humilde. Carrega consigo várias marcas de marginalização: mulher, estrangeira, viúva,

pobre e pecadora, como adiante ela confessa. Porém, enquanto o Rei Acab, desesperado pelas consequências da seca que se abate, busca no país inteiro alimento e água para seus burros e cavalos, que representam o comércio e o exército (1Rs 18,5), a viúva pobre reparte o pouco que tem com Elias. De novo vemos Elias se distanciando do rei e da monarquia e se aproximando daqueles que são vítimas dessa armadilha.

Nessa prolongada permanência de aprendizagem com a viúva, novo desafio, o filho dela adoce e morre, ao que ela imagina que o profeta ali esteve para denunciar seus pecados (1Rs 17,18). Elias toma consigo o menino morto, leva para seu aposento, clama por Javé pela vida do menino e, em seguida, ele volta à vida. Entregue à mãe, ela exclama: "Agora eu sei que você é um homem de Deus e que é verdade a palavra de Javé que você anuncia" (1Rs 17,24). É o atestado ou diploma que Elias recebe como fruto do seu retiro e aprendizado de três anos junto do povo representado por esta pobre senhora. Agora, formado, como Moisés junto do sacerdote Jetro, de Madã, poderá seguir sua missão, que será agora bem mais desafiadora, de enfrentamento ao poder e de resgate do povo.

Elias, então, é enviado por Javé a encontrar-se com o Rei Acab, este que o procurara por todas as nações e reinos, para matá-lo, como Jezabel fazia em relação a todos os profetas de Javé (1Rs 18,1-15). Elias se apresenta a Abdias, funcionário do palácio de Acab, que era temente a

Javé e protegia os seus profetas da perseguição de Acab e Jezabel. Abdias teme pela sua morte porque ao anunciar ao rei que Elias estaria ali, sendo Elias um homem de Deus, conduzido pelo seu Espírito e sem parada fixa, não o encontrando, o rei mataria Abdias (1Rs 18,12-14). Elias faz pacto com Abdias garantindo sua permanência no local e logo é abordado por Acab como “desgraça de Israel” (1Rs 18,17). Elias responde que a verdadeira desgraça de Israel foram aqueles que “abandonaram os mandamentos de Javé para ir atrás dos Baais”, Acab e seu pai Amri (1Rs 18,18).

Elias, então, diante de Acab, pede para convocar toda a nação, juntamente com os oitocentos e cinquenta profetas de Baal e Aserá, no Monte Carmelo, para um desafio. Reunidos os filhos de Israel e também os falsos profetas, Elias questiona: “Até quando vocês vão mancar dos dois lados? Se Javé é o Deus verdadeiro, sigam a Javé. Se é Baal, sigam a Baal” (1Rs 18,21). E lhes propõe o desafio: cada parte monta o sacrifício de um novilho e invoca do seu deus que envie o fogo para consumi-lo; será verdadeiro o Deus que enviar o fogo. Todo o povo aprovou o desafio. E Elias autoriza o lado de Baal começar, uma vez que são em maior número. Os profetas arrumam o altar, colocam a lenha e o novilho, e passam a invocar de Baal o fogo, desde cedo até o meio dia, com súplicas e danças, sem nenhum resultado. Ao meio dia Elias passa a ridicularizá-los dizendo que devem gritar mais alto porque Baal pode estar ocupado,

viajando, dormindo, ou seja, distante, surdo, indiferente, igual ao rei. Os profetas passam então a gritar mais alto, a cortar-se com espadas e lanças, até ficarem alucinados. E nenhuma resposta de Baal, aquele ídolo inoperante.

Então Elias assume o posto e convoca o povo a aproximar-se: reconstrói o altar que havia sido demolido, com doze pedras, fazendo memória às 12 tribos de Israel que a monarquia destruíra; faz um rego ao redor, empilha a lenha e coloca sobre ela o novilho em pedaços. Ordena que coloquem sobre a lenha quatro talhas d’água, uma vez, duas vezes e três vezes. Tudo ficou encharcado de água. Então Elias, sereno e compenetrado, invoca: “Javé, Deus de Abraão, de Isaac e de Israel! Que hoje todos fiquem sabendo que só tu és Deus em Israel, que eu sou teu servo e que foi por tua ordem que eu fiz todas essas coisas. Responde-me, ó Javé, responde-me, para que esse povo reconheça que tu, Javé, és o Deus verdadeiro e que fazes voltar atrás o coração deles” (1Rs 18,36-37). Imediatamente o fogo caiu do céu, consumiu o sacrifício, a lenha, a água, as pedras e até a cinza, e o povo exclamou: “Javé é Deus! Javé é Deus!” (1Rs 18,39).

Elias ordena ao povo que aprisione todos aqueles falsos profetas e que sejam degolados no riacho Quisom, ali bem próximo. Ordena a Acab que retorne para sua casa porque em seguida viria a chuva. Ou seja, com o fim da idolatria e do sistema por ela mantido, com o retorno à verdadeira religião de Javé, aos seus

mandamentos e ao seu projeto, a bonança retornaria, a vida plena retomaria seu curso. Nessa demonstração Elias devolve ao povo o discernimento sobre quem é o verdadeiro Deus e desmascara a falsidade da religião promovida pelo palácio de Samaria, que mais tarde o Profeta Amós designará como “casa de *marfim*” em razão da sua suntuosidade.

Interessante observar nessa luta de deuses as diferentes manifestações de culto. Aquela dos faltos deuses, com muito aparato, com estardalhaços, gritaria, magia, alucinação, transe. Enquanto o culto de Elias a Javé acontece na lucidez, na serenidade, no silêncio, com razão e consciência. O primeiro é longo e sem sucesso, o segundo rápido e eficaz. Isso nos traz a lembrança da severa crítica dos profetas, em especial Isaías, aos cultos e sacrifícios no Tempo de Jerusalém (Is 1,10-20); das tantas críticas de Jesus às manifestações religiosas dos escribas, fariseus e sacerdotes. E podemos aplicar aos cultos e manifestações religiosas atuais, de diferentes matrizes religiosas, com muito aparato, discurso, ritos, pompas, nem sempre alinhados com o compromisso de vida em sintonia com o projeto do Reino de Jesus. Igrejas pouco orantes, no verdadeiro sentido, mas muito rezadeiras.

Ao saber do acontecido, Jezabel fica enfurecida e envia mensageiros a Elias, dizendo “Que os deuses me castiguem se amanhã, a esta hora, eu não tiver feito com você o mesmo que você fez com os profetas” (1Rs 19,2). Então Elias

teve medo, fugiu para Judá, em direção ao deserto. E, cansado, deseja a morte: “Chega, Javé! Tira-me a vida, porque eu não sou melhor que meus pais” (1Rs, 19,4). E ali, debaixo de uma árvore, dorme. Acordado e alimentado por um anjo, recebe de Javé nova ordem: “Levante-se e coma, porque o caminho que você tem a percorrer é longo demais” (1Rs 19,7). E Elias caminhou quarenta dias e quarenta noites, até o monte Horeb, onde Moisés recebera de Deus os mandamentos em meio à sua manifestação com trovões, relâmpagos, terremoto e tempestade (Ex 19). Ali no Monte Horeb Elias se refugia numa gruta e Javé lhe pergunta o que faz, ao que Elias responde: “O zelo por Javé, Deus dos exércitos, me consome, pois os filhos de Israel abandonaram tua aliança, derrubaram teus altares e mataram teus profetas à espada. Fiquei somente eu, e eles querem me matar também” (1Rs 19,10). Elias se coloca como a única reserva de fidelidade a Javé e ao seu projeto, quase como dizendo a Deus “ainda bem que você tem a mim para te defender”.

Então Javé pede para Elias se colocar de pé diante da montanha, onde ele se manifestará. Elias vê primeiro um furacão, depois um terremoto, e, por fim, um fogo, cada um com grande densidade e esplendor. Mas Elias não viu Javé em nenhuma das três tradicionais manifestações, como aquelas do passado relatadas no livro do Êxodo. Elias esperava uma manifestação bombástica, poderosa e terrível. Ou seja, Elias estava acostumado a ver, sentir, experimentar

a manifestação de Deus daquela forma. Como que obrigando a Deus a ser a expressão da sua concepção. Não consegue ver e sentir a manifestação de Deus de outra forma e na adversidade. E então Elias, ali na montanha, ouve uma voz mansa e suave. Diante da manifestação Elias cobre o rosto, como fizera Moisés na manifestação da sarça ardente (Ex 3,6). Javé se mostra a Elias de uma maneira livre e toda diferente, sensível e compatível com a fragilidade humana que ele, Elias, experimentava. Então Elias recebe de Javé ordem de retornar com a missão de ungir novos reis e seu sucessor Eliseu e que pouparia da espada sete mil homens que não dobraram os joelhos a Baal, deixando claro para Elias que ele não era o único fiel aos seus mandamentos (1Rs 19,18).

Elias novamente se converte, muda sua visão do Deus que sempre acreditou e seguiu, às vezes erroneamente. Então Elias se torna mais humilde e, nisso mais forte, deixando Deus ser Deus, não limitando-o à tradição do passado simplesmente. Como dirá Paulo: "Quando sou franco então é que sou forte porque conto com a força de Deus" (2Cor 12,10).

No 1º Livro dos Reis, capítulo 21, temos uma demonstração mais clara de como agia o rei e sua corte na expropriação dos bens dos camponeses, na usurpação da religião e na manipulação dos líderes notáveis e do judiciário. Acab tinha um segundo palácio ou casa de campo em Jezrael e querendo aumentar sua pro-

priedade faz proposta a Nabot, seu vizinho de propriedade, para comprar seu campo ou negociá-lo por outro. Para o rei e para a monarquia a terra, que na tradição das Tribos de Israel e da fé javista era propriedade de Javé, doada por Ele ao povo para que dela usufruísse e vivesse com dignidade e segurança, agora se tornara um bem de negócio. Nabot, que era temente a Deus e fiel aos seus mandamentos, responde ao rei: "Javé me livre de ceder-me a herança de meus pais" (1Rs 21,3). A resposta de Nabot desagradou ao rei, que retornou para casa amuado e nem comer queria. Ao saber a razão, sua esposa Jezabel ridiculariza da sua postura pacífica ou condescendente. "Será que agora não é mais você quem exerce a realeza sobre Israel? Levante-se, coma, e que seu coração fique alegre, pois eu vou lhe dar a vinha de Nabot de Jezrael" (1Rs 21,7). Eis que então Jezabel escreve carta aos notáveis da cidade com o selo do Rei, pedindo que se convoque um jejum e que Nabot seja colocado entre os primeiros lugares e que haja malfeitores sem escrúpulo para acusá-lo de amaldiçoar a Deus e ao rei. Tendo-o feito, Nabot foi apedrejado e morto fora dos muros da cidade.

Vejamos que para a monarquia o rei está no mesmo patamar de Deus e a vontade do rei se ajusta à vontade de Deus. Não fazer a vontade do rei é amaldiçoar a Deus, pecado que tem pena de morte. E Jezabel comemora: "Vamos! Tome posse da vinha que Nabot de Jezrael não lhe quis vender. Nabot não vive, morreu" (1Rs 21,15). E Acab irá em seguida apossar-se

da vinha. (1Rs 21,16). Episódio esse que bem lembra aquela festa promovida por Herodes Antipas aos grandes da Galileia e que por vingança de Herodíades, sua esposa, custou a cabeça de João Batista (Mc 6,14-29). Diante do fato Javé dá a Elias nova ordem: ir ao encontro de Acab com toda sorte de castigos, desgraças e maldições a ele, à Jezabel e à sua descendência (1Rs 21,17-26). Toda essa explanação nos leva a algumas conclusões:

1ª. Na vida e na Bíblia, que reflete a vida do passado e do presente, há projetos de vida e de morte e para cada tipo de projeto há seus aliados e defensores. Como no Livro de Gênese, capítulo 2, a segunda narrativa da criação, que reflete um projeto de paraíso a ser construído, tendo Deus no centro, a árvore da vida, e ao redor todas as criaturas, o homem e a mulher em plena harmonia de relações entre si e com os demais seres animais, vegetais e minerais, tudo em plenitude de vida. Já no Livro de Gênese, capítulo 3, o oposto: o ser humano que toma o lugar de Deus, relações de conflito entre homem e mulher, sexo a serviço da geração acelerada de filhos, o que gera dor, trabalho duro a serviço da monarquia de Salomão, para expandir seu domínio e a serpente da ideologia do poder que convence a mulher educadora da casa de que aquele projeto do rei é bom e exitoso.

Ambos os projetos, de paraíso e de pecado, ali estão se digladiando, envolvendo-nos, querendo nossa adesão. De que lado nos colocamos? E os projetos do mal não se apresentam como tal, mas em co-

res, discursos e melodias lindas e suaves, já com a intenção de nos enganar. Eles às vezes ocupam pessoas e espaços sob aparência religiosa, espiritual e sobrenatural, até dentro de nossas instituições. Apresentam-se como de origem divina. E os projetos do bem, da vida, da justiça, nem sempre se apresentam com tanto poder de convencimento e atratividade, às vezes tímidos e frágeis, quantas vezes sob acusações, advindas do poder, que estão a serviço da desordem, do caos e outras denominações.

2ª. O Profeta Elias é cada um de nós, melhor, cada um de nós deve ser pelo menos um pouco como Elias. Sempre a caminho e disponível, conduzido pelo Espírito de Deus; sempre obediente, não tem caminho e destino definidos, segue aquele que Deus lhe ordenou seguir. É profeta, homem de Deus, mas nunca está pronto, acabado; precisa sempre aprender de novo. Formado pelo povo, representado por uma frágil mulher, estrangeira, pobre, viúva e pecadora, que conserva em si valores fundamentais como o temor a Deus, o reconhecimento da sua pequenez, o dom da partilha e da defesa da vida. É ela, e o povo que ela representa, que dá a Elias o atestado da sua competência: "Sei agora que você é um homem de Deus e que é verdade a palavra de Javé que você anuncia" (1Rs 17,24). Como concluíra Jesus: "Pai, eu te agradeço porque escondestes estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequeninos" (Mt 11,25-26).

E Elias carrega consigo nossa fragilidade:

tem medo, quer desistir de tudo e morrer. E, às vezes, como nós, faz uma avaliação de sua pessoa e conduta acima do que convém – “O zelo de Javé, Deus dos exércitos, me consome, pois os filhos de Israel abandonaram tua aliança, derrubaram teus altares e mataram teus profetas a fio de espada. Fiquei somente eu, e eles querem me matar também” (1Rs, 19,14). Essa superavaliação de si anula os demais, que são “sete mil que não dobraram os joelhos aos Baais” (1Rs 19,18) e anula o próprio Deus, de quem faz uma imagem errônea ou ultrapassada, parecendo que depende de Elias o comando das coisas. Todavia Elias é gente boa e carrega em si o melhor de cada um de nós, a capacidade de aprender com os erros, de baixar a cabeça diante de Deus e jamais entregar a preciosidade e grandeza da herança confiada a nós por Deus em favor do seu povo.

3ª. Estamos todos dizendo que teremos

que sair dessa crise da pandemia do coronavírus com novos aprendizados, que não podemos ser os mesmos que éramos antes, que as pessoas e o mundo terão que ser melhores. Essa esperança nos anima a enfrentarmos essa ou outras crises e de firmar em nós o propósito de sermos pessoas novas e trabalharmos incansavelmente para criarmos um mundo mais justo, equitativo e fraterno e uma terra mais habitável. Sejamos como reza o salmista no Salmo 1, pessoas como *árvore plantada na beira do riacho, que dá fruto no tempo devido; sua folhagem não seca jamais; encontrará sucesso em tudo o que faz*. Enquanto a sorte dos perversos será como *a palha que o vento dispersa*. Que possamos praticar a expressão tão comumente utilizada neste tempo “contagiar com o bem ou *viralizar o bem*”, povoar a terra desses homens e mulheres como árvores na beira do córrego. Assim seja!

REFERÊNCIAS

GASS, I. B. **Reino Dividido**. vol. 4. São Leopoldo: CEBI, Paulus, 2019. (Coleção Uma Introdução à Bíblia)

MESTERS, C. O Profeta Elias na Tradição Carmelitana. **Site do Frei Gilvander Moreira**, 7 out. 2012. Disponível em: <https://gilvander.org.br/site/o-profeta-elias-na-biblia-e-na-tradicao-carmelitana/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

MESTERS, C. Restabelecer a justiça de Deus no meio do povo: vida e luta do profeta Elias. Sobre a missão profética. **Estudos Teológicos**, v. 24, n. 2, p. 129-147, 1984. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/1269. Acesso em: 12 fev. 2020.

ARTIGO

CIBERCULTURA: EXISTE VIDA NO ESPAÇO VIRTUAL? A ESCOLA CATÓLICA NA ERA DA HIPERCONEXÃO

Denis Dutra Marques

RESUMO

O artigo aborda a prática pastoral e seus efeitos no espaço virtual, afim de indagar, à luz da ciberteologia, quais são as contribuições do ciberespaço para a fé, a relação interpessoal e a cultura do homem contemporâneo. Embora ambiciosa, há uma certa pretensão de entender os conceitos de cibercultura e de ciberespaço como ambientes de relação humana, e por isso, também, espaço de pastoralidade. Concomitantemente, visa-se verificar como o espaço virtual potencializa a relação de comunhão entre as pessoas, em especial as relações juvenis, cada vez mais digitais. O artigo, oferece uma oportunidade de ler e interpretar o valor das relações pastorais, que se potencializam nas redes, e provoca uma atenção especial na missão das Escolas Católicas de educar, formar e evangelizar cidadãos humanistas e conscientes mesmo na Era da Hiperconexão. Este artigo utiliza o método de verificação Ver-Iluminar-Agir, perpassando as áreas do conhecimento teológico-pastoral, pedagógico e da semiótica, afim de expressar a ideia de que o espaço virtual é um lugar, muito mais do que ferramentas digitais.

PALAVRAS-CHAVE: Cibercultura. Espaço virtual. Ciberespaço. Hiperconexão.

DENIS DUTRA MARQUES

Denis Dutra Marques é salesiano padre, graduado em Letras, Filosofia e Teologia, com especialização em Psicopedagogia e Comunicação Social. Atualmente exerce a função de Delegado para a Comunicação Social na Inspetoria Salesiana São João Bosco de Belo Horizonte e Diretor de Pastoral dos Colégios Salesianos de Niterói-RJ.

CONTATO: denis@salesiano.br

INTRODUÇÃO

Cometeríamos um pleonasma se começássemos a argumentar acerca da importância da mídia, e seus desdobramentos, na sociedade contemporânea e, assim, apresentássemos uma lista de fatores que sustentem tal afirmação. Prova disso são os paliativos oferecidos para amenizar os transtornos causados pelo distanciamento social, tão necessário em vista da pandemia de Covid-19. As pessoas, ainda que em casa, mantêm a sua rotina de trabalho e estudos participando de videoconferências, aulas online, etc. Sem perder o vínculo com a escola, alunos e suas famílias se esforçam para cumprir o cronograma de estudos. O fato é que estamos imersos numa cultura midiática e, uma vez inseridos, nos tornamos efetivos usuários das vantagens e possibilidades que essas novas tecnologias nos oferecem. Desse modo, muito mais do que usuários, passamos também a produtores de uma nova realidade, uma realidade simbiótica entre aquilo que já existia e aquilo que passa a existir. Isso é o Espaço Virtual.

Roger Silverstone (2012, p. 9), um teórico das mídias, diz: “não podemos escapar à mídia. Ela está presente em todos os aspectos de nossa vida cotidiana. [...] É parte da textura geral da experiência que tratamos como corriqueiras e que devem subsistir para vivermos e nos comunicarmos uns com os outros”.

Assim, um movimento geral de virtualização afeta hoje não apenas a informação e a comunicação, mas também os corpos, o funcionamento econômico, os

quadros coletivos da sensibilidade ou o exercício de inteligência, a experiência de fé e a educação. A virtualização afeta as relações humanas e sugere uma reinterpretação do ‘eu’, enquanto sujeito de transformação, como partícipe do ‘nós’. Embora a digitalização dos conteúdos, as mensagens e a extensão do espaço virtual desempenhem um papel capital na mutação em curso, trata-se de uma onda de fundo que ultrapassa amplamente a informatização.

A máxima de McLuhan (1964), “O meio é a mensagem”, sintetiza a revolução que a internet causou na civilização contemporânea e a metamorfose que ainda provocará. Essa famosa afirmação explicita a capacidade que as mídias e tecnologias possuem de moldar a forma como os seres humanos se comunicam, se comportam e se relacionam. Os meios de comunicação, que podem ser entendidos como *extensões dos seres humanos*, geram consequências sociais e pessoais.

Por essa razão, as tecnologias digitais desenvolveram ambiente, linguagem e cultura próprias. Isso porque a cultura e a linguagem afetam diretamente o modo como os seres humanos se expressam e raciocinam, a cultura digital está mudando também a forma como pensamos e vivemos a fé. Só por afetar antropologicamente e culturalmente, podemos afirmar que o espaço virtual é, sim, um ambiente onde há vida.

As mídias, como ferramentas ciber-teológicas, não devem ser tratadas

simplesmente como um ponto final de transmissão de informações, mas *como um processo de construção da informação*, através do compartilhamento de conceitos e verdades, que deve ser entendido como uma ponte que liga as duas margens de um rio. Portanto, não é mais como antes, quando havia um produtor e um consumidor, um enviava e outro simplesmente recebia. Hoje a interatividade dos interlocutores torna o espaço virtual mais do que um ambiente real, torna um ambiente capaz de transformar o modo como o ser humano pensa, age e vive: um ambiente capaz de mudar a realidade.

Provavelmente chegaremos a um tempo em que questionamentos do tipo "O espaço virtual é ambiente real?" serão tão obsoletos quanto à dúvida da possibilidade de se inventar a roda, haja visto que essa é uma dúvida exclusiva dos migrantes tecnológicos.

CIBERCULTURA: UM PANORAMA DO MUNDO E DO HOMEM PÓS-MODERNOS

Vive-se atualmente num mundo interconectado pela rede mundial de computadores, onde se tem a impressão que a Terra diminuiu de tamanho e o próximo pode não ser o vizinho do apartamento ao lado, mas o amigo que mora em outro continente. A sociedade humana sempre foi tecnológica, pois desde o início o ser humano começou a manipular elementos da natureza, dando-lhes outros significados e funções, transformando-os em objetos que auxiliavam na convivência humana. O filósofo canadense

Herbert Marshall McLuhan, já na década de 1960, batizou esse fenômeno de "Aldeia Global", sinalizando que as novas tecnologias eletrônicas tendem a encurtar distâncias e o progresso tecnológico tende a reduzir todo o planeta à mesma situação que ocorre em uma aldeia; um mundo em que todos estariam, de certa forma, interligados (MCLUHAN, 1964).

Tecnologia "representa todas as ferramentas, técnicas, qualquer processo, equipamento físico ou métodos necessários para fabricar produtos e capazes de ampliar a capacidade de ação do homem" (VIDOSSICH; FURLAN, 1996, p. 290). Por exemplo, no momento em que o homem utilizou uma pedra para golpear um animal, a pedra passou a ser também um artefato humano, isto é, uma ferramenta que aumenta a sua capacidade de ação do homem e que o auxilia em sua sobrevivência. Aqui, muito mais do que definir o tempo ou o momento histórico do período em que nos encontramos, cabe-nos apontar os traços centrais dessa cultura, que extrapola o espaço e o tempo, e do homem como seu principal agente.

O que mais importa para compreender essa assimilação das tecnologias com expansão do universo de informação, que cresce a passos largos, e ao mesmo tempo se coloca ao alcance dos dedos, é o advento da internet. "Acesso é o traço mais marcante desse espaço virtual, que passou a ser chamado de *ciberespaço*, um espaço de acesso livre, informal, descentrado, capaz de aten-

der a muitas das idiossincrasias – motoras, afetivas, emocionais, cognitivas – do usuário" (SANTAELLA, 2007, p. 198) Esse espaço cibernético apresenta um fluxo cultural muito constante, irrestrito, altamente mutável e multifacetado, a isso chamamos cibercultura.

Primeiramente, precisamos compreender que a cibercultura é muito mais do que uma cultura que faz uso de equipamentos cibertecnológicos. Ela é um "conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço" (LÉVY, 1999, p. 17).

A constante expansão e a contínua transformação da cibercultura dificultam uma definição de significado que fixe, ou meça o impacto que as novas tecnologias e o ambiente digital podem causar nas relações socioculturais da humanidade. O conceito "totalidade", que expressa uma ideia de completude pela conformidade ou abrangência ao todo, cede lugar ao conceito de "universalidade", aquilo que é comum ao universo inteiro, ou seja, "o universal da cibercultura não possui nem centro nem linha diretriz" (LÉVY, 1999, p. 112). É como se fosse um vazio sem conteúdo particular, mas que aceita os particulares, as individualidades de cada pessoa assumindo a missão de interligar aleatoriamente cada ponto particular e individual, independentemente do significado que cada um desses pontos

possa carregar. Não se trata de uma neutralidade, mas de uma universalidade que influencia o campo econômico, político e cultural transformando, efetivamente, as condições de vida em sociedade.

// *CONTUDO, TRATA-SE DE UM UNIVERSO INDETERMINADO E QUE TENDE A MANTER SUA INDETERMINAÇÃO, POIS CADA NOVO NÓ DA REDE DE REDES EM EXPANSÃO CONSTANTE PODE TORNAR-SE PRODUTO OU EMISSOR DE NOVAS INFORMAÇÕES, IMPREVISÍVEIS, E REORGANIZAR UMA PARTE DA CONECTIVIDADE GLOBAL POR SUA PRÓPRIA CONTA. O CIBERESPAÇO SE CONSTRÓI EM SISTEMAS DE SISTEMAS, MAS, POR ESSE MESMO FATO, É TAMBÉM O SISTEMA DO CAOS. (LÉVY, 1999, P. 111).* **//**

O Documento 85 da CNBB, que trata da evangelização da juventude, diz que diversos estudos apontam alguns traços que caracterizam a juventude contemporânea, todavia enfatiza que alguns desses aspectos não são exclusividade da juventude hodierna e que, nem sempre, definem especificamente a parcela mais jovem da população (CNBB, 2007). Diante desse argumento, podemos interpretar que aspectos como a relativização de valores e tradições globais ou macrossociais, a fragmentação da identidade humano-pessoal e dos laços duradouros, bem como o aumento de doenças psicossomáticas, depressivas e da dificuldade de superar frustrações,

não são características exclusivas do homem contemporâneo, especificamente conduzido a isso pela ascensão das mídias. Não são!

A proposição a qual chegamos é de que tais aspectos humanos, já existentes, foram amplificados, não criados, com a migração para a cultura cibernética. Desse modo, podemos inferir que as novas tecnologias não mudam as pessoas. As pessoas mudam por suas relações. O espaço virtual, por sua vez, facilita encontros e relações, acelerando as mudanças e transformações que aconteceriam naturalmente sem a intercessão das mídias.

O jornal espanhol *El País* publicou, em abril de 2016, uma notícia com a seguinte manchete: "Solidão, uma nova epidemia" (CACIOPPO; CACIOPPO, 2016). Diante disso, poderíamos nos perguntar, será que existe solidão na era da conexão? O fato é que, apesar de haver um significativo aumento das conexões ciber culturais, e mesmo que o indivíduo tenha um grande número de seguidores, ou "amigos", nas redes sociais, não significa que as pessoas se sintam verdadeiramente em sintonia com alguém. Segundo a matéria que "mais de uma em cada três pessoas nos países ocidentais sentem-se sozinhas habitualmente ou com frequência" (CACIOPPO; CACIOPPO, 2016, s/p). Esse número é preocupante e chama à atenção, pois nos faz pensar no papel social que o ser humano, como ser social, desempenha nos mecanismos influenciados pela cibercultura. Nos faz pensar o papel da escola, que acompanha esse

indivíduo, e nos questiona; não seria a escola uma rede social? A rede social, por exemplo, inventada sob o *marketing* de revolução nas relações humanas, ao mesmo tempo que abre as portas para uma comunicação em massa, fortalece o isolamento e a individualização.

Outrora os encontros aconteciam necessariamente em locais públicos e praças, hoje isso não é mais essencial. Há encontros de turmas inteiras que acontecem no isolamento dos seus mecanismos de acesso cibernético. No tempo das mídias móveis e da internet de lugares e coisas, as ferramentas digitais se tornaram extensões humanas, poderíamos chamar de *gaget humanos*, ou até pior, pois para muitos, os dispositivos de acesso virtual são os seus mais fiéis, inseparáveis e verdadeiros amigos. A epidemia da solidão é tão profunda e silenciosa que geralmente os indivíduos não se percebem ilhados até que, por algum acidente de percurso, são desconectados e privados de conexão.

Como um ser de transformação, e por estar em constante adaptação ao seu *habitat*, à essa nova cultura, o ser humano, cada vez mais mergulhado no espaço virtual, precisa ficar atento, não apenas à solidão, mas às outras possíveis epidemias que, com excessivo uso das ferramentas digitais, podem ser contraídas. Uma matéria vinculada no site *Terra* afirma que "a abstinência da rede (digital) provoca efeitos similares aos encontrados em dependentes químicos" (CAVALCANTI, 2015, s/p). Alguns podem até não levar isso a sério, mas o uso excessivo da

web pode causar doenças graves como o estresse e até a depressão.

Pessoas que não largam o celular e que teclam enquanto dirigem ou caminham, ficam ansiosas quando não podem acessar a rede social digital e sempre colocam a mão no bolso achando que o aparelho vibrou quando, na verdade, nada aconteceu. Essas manias podem ser sintomas de algo muito grave. O chamado estresse digital indica falta de habilidade de lidar com as pressões do cotidiano atual, como a obrigatoriedade de estar sempre conectado e de saber logo sobre tudo que se passa no mundo, mas o grande problema é quando a falta da web passa a gerar um sofrimento intenso. Há sempre um bombardeamento de novidades que nos obriga a usar a internet o tempo todo, e, talvez, por causa disso parece impossível imaginar um mundo sem a internet.

// AS MENTIRAS SEMPRE FORAM UM RECURSO DE HABILIDADE E, ÀS VEZES, DE PERFÍDIA, PARA GANHAR O CONTROLE DA NARRATIVA PÚBLICA. SABEMOS QUE, NO FUNDO, A POLÍTICA E A VIDA SOCIAL SÃO CONFLITOS DE NARRATIVAS, E QUE MUITAS VEZES OS PARADIGMAS DE COMPREENSÃO DA REALIDADE SÃO DEFINIDOS EM FUNÇÃO DOS PODERES DO MOMENTO. A HISTÓRIA DA CONDIÇÃO HUMANA É DE LUTA PELA VERDADE, CONTRA A MENTIRA, A MANIPULAÇÃO, A VERSÃO FABRICADA, OS RUMORES. QUANDO O JORNALISMO SE INSTITUCIONA-

LIZOU COMO PROFISSÃO, ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX, COLOCOU A SI PRÓPRIO UM COMPROMISSO COM A VERDADE. MAS SEMPRE HOUVE JORNALISMO ÉTICO E FALSO JORNALISMO. HOJE, O QUE TEMOS DE NOVO SÃO ACELERADORES TECNOLÓGICOS, A INTERNET E AS REDES SOCIAIS, QUE PERMITEM PÔR MAIS RAPIDAMENTE EM EVIDÊNCIAS AS CONTRADIÇÕES, AS MENTIRAS, EMBORA TAMBÉM SEJA POSSÍVEL DIFUNDI-LAS BEM MAIS DEPRESSA QUE ANTES. É POR TRÁS DAS 'FAKE NEWS' HÁ INTERESSES MUITO PODEROSOS (ABELLO, 2017, s/p). //

Um mal antigo, como vimos na citação ao texto de Jaime Abello, diretor da Fundação Gabriel García Márquez, a fofoca e a mentira, sempre presentes na história da humanidade, pela cibercultura ganha uma nova roupagem e robustecida grafia e chega até nós como o conceito de pós-verdade, ou em inglês *fake news*, que, pela tradução literal, significa 'notícia falsa'. Algo aparentemente simples, mas altamente perigoso e que pode causar grandes equívocos irreversíveis, pondo em risco pessoas e diversos setores da sociedade, como no caso do linchamento coletivo ocorrido em maio de 2014 na cidade do Guarujá, litoral de São Paulo. Por causa de uma notícia falsa compartilhada inúmeras vezes numa rede social, que causou medo e indignação na população, uma mulher foi confundida com uma suposta assassina de crianças e apanhou até a morte (ROSSI, 2014, s/p).

Ações particulares como essa, ora mais brandas outrora mais agressivas, alcançaram o cenário político mundial após a eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos e a votação do Brexit, na Inglaterra, altamente influenciadas pelas *fake news*. Essas tornaram-se uma praga mundial, de ordem sistêmica, ganhando relevante necessidade de combate, retomando o debate público, ensinando o cidadão comum a checar antes de clicar ou compartilhar qualquer informação.

Sabemos que a economia é uma grande potência e que muito influencia a vida das pessoas, das sociedades e das culturas. E quais são os impactos que a economia tem causado, ou sofrido, pela cibercultura? A grande novidade trazida à economia pela cibercultura é a economia virtualizada, que, assim como a economia tradicional, gera seus impactos, negocia seus interesses e transforma, ou disforma, a sociedade. A economia contemporânea, sob influência da cibercultura, é uma economia “desterritorializada”, sem raízes e incrivelmente global.

Foi revolucionário quando os aplicativos e jogos nos smartphones começaram a oferecer uma estratégia comercial chamada *freemium*, possibilitando um rentável comércio de pequenos bens virtuais. Mas o que, talvez, ninguém poderia imaginar é que, logo depois, os bits se tornariam uma moeda tão forte ao ponto de influenciar bolsas de valores e todo mercado financeiro, como é o caso das criptomoedas como o *bitcoin*. Na ascensão cibereconômica, a moeda, que

é a base das finanças, “dessincronizou e deslocalizou em grande escala o trabalho, a transação comercial e o consumo” (LÉVY, 1996, p. 52).

Considerando as principais características da globalização, percebemos que, sutilmente, os meios de comunicação de massa, pela sua grande influência, tornam-se agentes protagonistas de uma “hegemonia cultural” capaz de sugerir alterações tanto no campo educacional como no político, social e econômico, uma vez que as “indústrias culturais são para a economia mundial muito mais do que instrumentos para moldar imaginários”, são atividades econômicas altamente rentáveis.

O que nos desafia é a busca de uma nova relação de maneira equilibrada e positiva dessas dimensões que não desaparecerão e que continuarão a ter demandas próprias. “O local ainda continua a ser o espaço por excelência da constituição da subjetividade, pois é ele que é tangível e é nele que se desenrola o cotidiano da maioria dos seres humanos”, apesar de termos a consciência de que ele sofre influência da cibercultura de modo crescente, assim como também a influencia.

CIBERESPAÇO: A NOVIDADE DAS NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO

Hoje entende-se sociedade como grupos diversos, compostos por indivíduos díspares, que resultam de conflitos sociais, políticos e econômicos e que

formam suas redes de relacionamento, extraterritoriais, compostas, simultaneamente, de suas consciências de identidades em vista de uma continuidade coletiva. Vale a pena ressaltar que essa definição trata de estudos sociais, não necessariamente relacionados ao campo cibertecnológico, como diz Castells, “o social em redes digitais é a expansão ou a cópia de seu original”, o que nos faz entender que a significação do termo sociedade em rede é algo completo, provavelmente, tenha sido sempre complexo, independente do nível tecnológico adquirido por dada sociedade em determinado momento histórico.

Porém, é preciso considerar que redes sociais são fenômenos muito mais amplos do que redes sociais da internet, e que, por sua vez, também são mais amplos do que sites de redes sociais. Isso ajuda a traçar um caminho de compreensão, no sentido de que toda e qualquer transformação social é provocada única e exclusivamente por seu agente principal, o ser humano. Todavia, o saber, a maneira de pensar, o agir da humanidade acompanham a evolução tecnológica que as mudanças de época possibilitam, como no caso da transição da internet eletrônica para a internet fotônica.

O advento da *Web 2.0* possibilitou a transferência de dados através da emissão de luz, numa velocidade e quantidade antes inimaginável. Isso caracteriza o advento da banda larga, o que hoje, nos possibilita a experiência de teletrabalho e estudos *on line*.

Não só a internet se tornou mais veloz, mas as relações e os processos humanos também. O acesso mais facilitado às informações permite que o indivíduo saiba muitas coisas ao mesmo tempo, mas isso também não garante um conhecimento profundo. Além disso, há menos comprometimento com o que é duradouro, as relações são mais efêmeras e o “para sempre” dos relacionamentos conjugais tornou-se um detalhe de um tempo que pode acabar logo. Mais do que evolução tecnológica, a *Web 2.0* trouxe uma revolução na estrutura social da humanidade.

// TAL INOVAÇÃO TECNOLÓGICA PRECIPITA TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E CULTURAIS, ASSUMINDO VALORES EXTRATÉCNICOS E ALTERANDO QUALITATIVAMENTE AS ARQUITETURAS SOCIAIS, CONFERINDO-LHES FORMATOS E PRÁTICAS DE INTERAÇÕES ATÉ ENTÃO INEXISTENTES. (FELICE, 2017) //

Diferente do social presencial, o social da fibra ótica é um social atemporal e sem distâncias geográficas, que, pela mobilidade de acesso trazida pelo avanço tecnológico como grande novidade, possibilitou o surgimento de uma temporalidade sincrônica, por meio da difusão de interações contínuas e uma duração permanente.

Quanto aos sites de relacionamentos sociais, fruto exclusivo dessa internet denominada *web 2.0*, são apenas *softwares* sociais, plataformas digitais, criadas para facilitar a comunicação entre pessoas

sob mediação dos dispositivos de mídias e interfaces dialogáveis “mantidos pelo sistema e não necessariamente pelas interações” (SANTAELLA, 2013, p. 273). Dessa forma, algo importante que precisa ser levado em consideração é que “as redes são constituídas pelos participantes que delas se utilizam, pois, sem eles, as redes não poderiam existir”. Portanto, como podemos perceber, os *sites* de relacionamento sociais não são os protagonistas dessa conexão em rede, mas amplificam essas conexões no ciberespaço, de modo a aumentar a visibilidade das relações humanas no ciberespaço.

O espaço virtual está em contínua mudança, é como se fosse um organismo vivo em movimento rumo à expansão, à transformação ou à superação de si. Hoje já se fala em *Web 3.0*, uma “*web* semântica aliada à inteligência artificial por meio da qual a rede deve organizar e fazer uso ainda mais inteligente do conhecimento já disponibilizado *online*” (SANTAELLA, 2012, p. 37). O ser humano será cada vez mais poupado do sacrifício de pesquisar por algo de seu interesse na internet, pois as informações requeridas entrarão num processo de refinamento tal que seus resultados serão disponibilizados conforme o perfil do usuário. A internet deixará de ser um mundo de documentos para ser um mundo de dados que descrevam pessoas.

// ALÉM DISSO AS PÁGINAS PODERÃO SER LIDAS NÃO SÓ POR PESSOAS, MAS TAMBÉM POR MÁQUINAS. OUTRO ASPECTO DA WEB 3.0 É O

USO DE GRÁFICOS ANIMADOS, ÁUDIO E VÍDEOS DE ALTA DEFINIÇÃO, 3D, E MUITO MAIS, TUDO ISSO DENTRO DO BROWSER. EM SÍNTESE: GRANDE PARTE DOS WEB SITES VAI SE TORNAR WEB SERVICES. //

Isso é tudo muito interessante, pois, a palavra “cibernético”, para quem viveu nas décadas de 1970 e 1980, pode soar como algo futurístico, ligado à robótica, e que não fazia parte da realidade humana. Talvez, o desenvolvimento desse conceito no imaginário dessas pessoas se deu devido aos filmes de ficção científica que sugeriam um mundo, num futuro bem distante, bastante diferente do que era a realidade. Um mundo em que seres humanos e máquinas interagiam naturalmente, objetos de inteligência artificial que ajudavam os seres humanos em atividades que iam desde tarefas corriqueiras do dia a dia de um lar ao auxílio de pesquisas científicas fundamentais para a sobrevivência da espécie humana. Será que esse futuro chegou? Para o filósofo francês Pierre Lévy (1999, p. 17) sim:

// O CIBERESPAÇO É O NOVO MEIO DE COMUNICAÇÃO QUE SURGE DA INTERCONEXÃO MUNDIAL DOS COMPUTADORES. O MESMO TERMO ESPECIFICA NÃO APENAS A INFRA-ESTRUTURA MATERIAL DA COMUNICAÇÃO DIGITAL, MAS TAMBÉM O UNIVERSO OCEÂNICO DE INFORMAÇÕES QUE ELA ABRIGA, ASSIM COMO OS SERES HUMANOS QUE NAVEGAM E ALIMENTAM ESSE UNIVERSO. //

Três princípios básicos orientam o crescimento inicial do ciberespaço, segundo Lévy (1999). O primeiro é o da interconexão, uma das ideias mais fortes na origem do ciberespaço, pois, nesse contexto, a conexão, por ser um bem em si, é sempre preferível ao isolamento, e por evidenciar esse movimento que conduz à uma comunicação universal. É uma revolução silenciosa acontecendo e transformando a nossa realidade, já que sugere que cada aparelho eletrônico possua sua própria "identidade" e isso implica que "o menor dos artefatos poderá receber informações de todos os outros e responder a eles [...]. Junto ao crescimento das taxas de transmissão, a tendência à interconexão provoca uma mutação física da comunicação (LÉVY, 1999, p. 127)", ou seja, não há mais uma via exclusiva para a conexão, ela está em todo o lugar, espalhada no ar, de modo que todo o espaço é um canal interativo. Isso aponta para uma civilização da telepresença generalizada.

// PARA ALÉM DE UMA FÍSICA DA COMUNICAÇÃO, A INTERCONEXÃO CONSTITUI A HUMANIDADE EM UM CONTÍNUO SEM FRONTEIRAS, CAVA UM MEIO INFORMACIONAL OCEÂNICO, MERGULHA OS SERES E AS COISAS NO MESMO BANHO DE COMUNICAÇÃO INTERATIVA. A INTERCONEXÃO TECE UM UNIVERSAL POR CONTATO (LÉVY, 1999, P. 127).

Outro princípio que caracteriza o ciberespaço é o desenvolvimento das co-

munidades virtuais que, por se apoiarem no princípio da interconexão, o prolonga. "Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou troca, tudo isso independente das proximidades geográficas e das filiações institucionais (LÉVY, 1999, p. 127)". Diferente do que muitos pensam, as relações estabelecidas em ambientes virtuais não são frias e nem excluem emoções fortes, nem permitem aos seus participantes absterem de suas responsabilidades individuais. Do mesmo modo, as relações estabelecidas em ambientes digitais não excluem, ou muito menos substituem, os encontros físicos. É preciso deixar claro que, na maior parte do tempo, as relações *on-line* se estabelecem mais como um complemento ou um adicional às relações físicas.

As comunidades virtuais, formadas no ciberespaço, se expressam na construção de laços sociais que compartilham interesses comuns e superam fronteiras territoriais e institucionalizadas. Essas comunidades acontecem exclusivamente sob a ótica do compartilhamento dos saberes, sob a aprendizagem cooperativa e sob processos abertos de colaboração, sem esse aspecto de relação ou conexão mútua não há como conceber, nem ideologicamente, tais comunidades. "O apetite para as comunidades virtuais encontra um ideal de relação humana desterritorializada, transversal, livre" (LÉVY, 1999, p. 130).

E por fim, o último princípio básico que orienta o ciberespaço é a inteligência coletiva, que indica a finalidade última, ou talvez o sentido final que sustente as conexões em comunidades virtuais (LÉVY, 1999). Todos reconhecem que o melhor uso que podemos fazer do ciberespaço é colocar em sinergia os saberes, as imaginações, as energias espirituais daqueles que estão conectados a ele. [...] Cada um dentre nós se torna uma espécie de neurônio de um megacérebro planetário ou então desejamos constituir uma multiplicidade de comunidades virtuais nas quais cérebros nômades se associam para produzir e compartilhar sentido? Essas alternativas, que só coincidem parcialmente, definem algumas das linhas de fratura que recortam por dentro o projeto e a prática da inteligência coletiva”.

Sem sombra de dúvidas, a inteligência coletiva é o resultado mais significativo que o ciberespaço nos oferece, todavia, corremos o risco de transformar a inteligência coletiva em frações de ideias que convêm a pessoas e grupos específicos, contradizendo tudo aquilo que originalmente constitui a interconexão em comunidades virtuais. Mas não podemos permitir que tais desvios influenciem ou contradigam a importância dessa inteligência compartilhada, pois podemos pensar modos de organização dos grupos humanos, estilo de relações entre os indivíduos e os coletivos radicalmente novos, sem modelos na história e nas sociedades animais.

REFERÊNCIAS

ABELLO, J. “Por trás das ‘fake news’ há interesses muito poderosos”. **Visão**, 13 jul. 2017. Disponível em: <https://visao.sapo.pt/ideias/2017-07-23-Por-tras-das-fake-news--ha-interesses-muito-poderosos/>. Acesso em: 20 jan. 2020.

CACIOPPO, J.; CACIOPPO, S. Solidão, uma nova epidemia: Uma em cada três pessoas sente-se sozinha na sociedade da hiperconexão e das redes sociais. **El País**, 13 abr. 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/04/06/ciencia/1459949778_182740.html. Acesso em: 7 jan. 2020.

CAVALCANTI, T. Internet vicia! Excesso pode causar doenças e depressão: Abstinência da rede provoca efeitos similares aos encontrados em dependentes químicos. **Terra**, 3 jul. 2015. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude/uso-excessivo-da-internet-pode-causar-doencas-como-depressao,0689cd0f280c3ec5d3d4d954174c7e4696ieRCRD.html>. Acesso em: 5 jan. 2020.

CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **Evangelização da juventude: Desafios e perspectivas pastorais**. São Paulo: Paulinas, 2007. (Documento da CNBB, 85).

FELICE, M di. **Net-ativismo: Da ação social para o ato conectivo**. São Paulo: Paulus, 2017.

LÉVY, P. **O que é virtual?** Tradução Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1996.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MCLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964.

ROSSI, M. Mulher espancada após boatos em rede social morre em Guarujá, SP. G1, 5 maio 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-espancada-apos-boatos-em-rede-social-morre-em-guaruja-sp.html>. Acesso em: 7 jan. 2020.

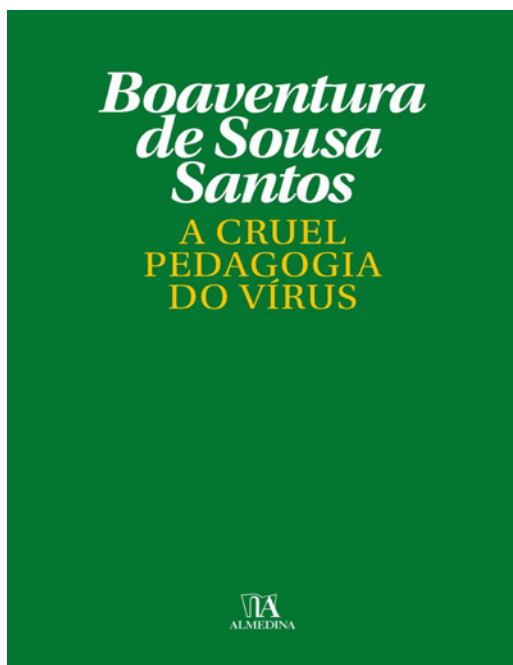
SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, L. A tecnocultura atual e suas tendências futuras. **Signo pensam.**, Bogotá, v. 31, n. 60, p. 30-43, jun. 2012. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0120-48232012000100003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 16 jan. 2020.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

VIDOSSICH, F.; FURLAN, O. A. **Dicionário de novos termos de ciências e tecnologias: empréstimos, locuções, siglas, cruzamentos e acrônimos**. São Paulo: Pioneira, Abimaq, Sindimaq, 1996.



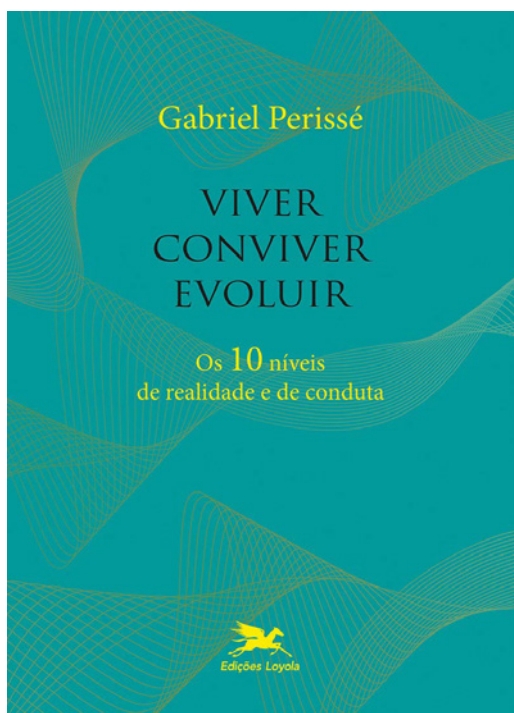
Estante

Esta obra é uma reflexão escrita neste tempo de pandemia. Os desafios se entrelaçam com os sonhos e a dura realidade, formando o tecido da esperança que envolve a mente e o coração.

A cruel pedagogia do vírus, ensaio do sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, novo volume da coleção Pandemia Capital, disponível exclusivamente em e-book, é uma didática argumentação sobre os desdobramentos da pandemia do coronavírus à luz da situação econômica e política dos últimos anos.

Link

<https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/e-a-cruel-pedagogia-do-virus-958>



Estante

Desde em que nasce o ser humano inicia um processo de crescimento físico, mental e espiritual. Ter consciência da necessidade de investir, especialmente tempo é o desafio daqueles e aquelas que desejam tornar-se pessoa.

A partir da teoria dos dez níveis de realidade e de conduta, o autor analisa o comportamento humano em relação aos grandes temas da existência. Nas relações familiares, na carreira profissional, na convivência social ou na atividade política, questões urgentes exigem de nós reflexão rigorosa e criatividade. Como identificar, nos diferentes níveis de realidade (objetos úteis, relações interpesso-

ais, conhecimento dos valores, busca de Deus...), a melhor forma de evoluir em humanidade? Quais os critérios de discernimento que nos protegem do autoengano ou da manipulação? Em que medida corremos risco de perder o rumo da vida em tempos de perplexidade? Nossas análises da realidade e decisões tomadas devem nos levar a processos de desenvolvimento, mediante os quais amadurecemos intelectual, afetiva, ética e religiosamente.

Link

<https://www.amazon.com.br/Viver-conviver-evoluir-realidade-conduta/dp/8515046512>

Revista de
 **PASTORAL**



2020
